

VARAL DO BRASIL[®]

Literário, sem frescuras!



ISSN 1664-5243

LIVRE COMO O AR, VOA A
LITERATURA!

Ano 6 - Julho de 2015 — Edição no. 36



EXPEDIENTE

Revista Literária VARAL DO BRASIL

NO. 36 - Genebra - CH - **ISSN 1664-5243**

Copyright Cada autor detém o direito sobre o seu texto. Os direitos da revista pertencem a Jacqueline Aisenman.

O Varal do Brasil é promovido, organizado e realizado por Jacqueline Aisenman

Site do VARAL: www.varaldobrasil.com

Blog do Varal: www.varaldobrasil.blogspot.com

Textos: Vários Autores

Ilustrações: Vários Autores

Foto capa: © Vladimir Voronin - Fotolia

Muitas imagens encontramos na internet sem ter o nome do autor citado. Se for uma foto ou um desenho seu, envie um e-mail aqui para a gente e teremos o maior prazer em divulgar o seu talento.

Revisão parcial de cada autor

Revisão geral VARAL DO BRASIL

Composição e diagramação:

Jacqueline Aisenman

A distribuição ecológica, por e-mail, é gratuita. A revista está gratuitamente para download no site do Varal.

Se você deseja participar do VARAL DO BRASIL NO. 37 envie seus textos até 25 de julho de 2015 para: varaldobrasil@gmail.com TEMA SONHOS E FANTASIAS

Toda participação é gratuita.

A revista VARAL DO BRASIL circula no Brasil do Amazonas ao Rio Grande do Sul...

Também leva seus autores através dos cinco continentes.

Quer divulgação melhor?

**Venha fazer parte do
VARAL DO BRASIL**

E-mail: varaldobrasil@gmail.com

Site: www.varaldobrasil.com

**Blog do Varal:
www.varaldobrasil.blogspot.com**

***Toda participação é gratuita**

ATIVIDADES DO VARAL

- **Estão abertas as inscrições para o III Prêmio Varal do Brasil de Literatura;**
- **Estão abertas as inscrições para a edição de SETEMBRO de nossa revista com o tema Sonhos e Fantasias e tema livre.**

**FIQUE ATENTO, NO VARAL AS
COISAS ACONTECEM!**

**PARTICIPE! INSCREVA-SE!
varaldobrasil@gmail.com**

VARAL ESTENDIDO!

Após um ano de trabalho nos bastidores, realizou-se em maio deste ano nossa participação com um belo estande no 29o Salão Internacional do Livro e da Imprensa de Genebra.

Foram mais de trinta autores, muitos títulos e muita garra! Nós do Varal do Brasil, que somos pioneiros na divulgação de autores brasileiros no exterior em Língua Portuguesa, ficamos muitos felizes em ter estado mais uma vez presentes neste prestigiado evento.

Lançamos com alegria nossa sexta antologia, o Varal Antológico 5 durante o Salão do Livro. Foi sucesso!

Agora, nos preparamos para as férias de verão, pois aqui na Europa, já que temos poucos meses de sol, temos que aproveitar o máximo cada instante em que o astro rei se mostra faceiro e nos presenteia com magníficos dias.

As atividades do Varal do Brasil ficam suspensas até o fim segundo semestre (com exceção do III Prêmio Varal do Brasil de Literatura que continua aberto). A partir do fim de setembro recomeçaremos com fôlego novo.

E falando em setembro, não deixe de se inscrever para nossa edição de setembro (até 25 de julho), quando viremos com um belo tema em nossa revista: SONHOS E FANTASIAS e também tema livre!

Obrigada por sempre estarem conosco!

Até breve!

Jacqueline Aisenman
Editora-Chefe
Varal do Brasil



III PRÊMIO

VARAL DO BRASIL DE LITERATURA

Concorrem textos em:

Poesia

Contos

Crônicas e

Textos Infantis

Leia o regulamento no site
do Varal ou peça através de
nosso e-mail:

varaldobrasil@gmail.com

www.varaldobrasil.com

PENDURADOS NESTA EDIÇÃO!

- ALDO MORAES
- ALESSANDRO BORGES
- ANA ROSENROT
- ANTONIO MARCOS BANDEIRA
- BASILINA DIVINA PEREIRA
- CAMILA GOMES
- CARMEN LÚCIA HUSSEIN
- CLÁUDIA MOREIRA
- DANIEL DE CULLA
- DEBORA VILELLA
- DILERCY ADLER
- DINORÁ COUTO
- ELIANE ANDRADE
- EMANUEL MEDEIROS VIEIRA
- FELIPE CATTAPAN
- FERNANDO SORRENTINO
- GAIÔ
- GUACIRA MACIEL
- HEBE C. BOA-VIAGEM A. COSTA
- HELOISA CRESPO
- HUGO FEDERICO ALAZRAQUI
- ILDÉRICA
- ISABE C. S. VARGAS
- IVANE L. PEROTTI
- JACQUELINE AISENMAN
- JAIME CORREIA
- JENÁRIO DE FÁTIMA
- JOÃO BATISTA BEZERRA DE SOUSA
- JOSE CARLOS PAIVA BRUNO
- JOSÉ HILTON ROSA
- JÚLIA CRUZ
- JÚLIA REGO
- LEONILDE MARIA S. DE M. FONTES
- LUIZ CARLOS AMORIM
- LY SABAS
- MARA CARVALHO LEITE
- MARIA DELBONI
- MARIA (NILZA) DE CAMPOS LEPRE
- MARIA SOCORRO DE SOUSA
- MARILINA BACCARAT DE A. LEÃO
- MARILU F. QUEIRÓZ
- MARINA GENTILE
- MARIO REZENDE
- MAURICIO LIMA
- NOEME ROCHA DA SILVA
- NORÁLIA DE MELLO CASTRO
- ODENIR FERRO
- RAPHAEL MIGUEL
- RENATA CARONE SBORGIA
- RITA DE OLIVEIRA MEDEIROS
- ROB LIMA
- ROGÉRIO ARAÚJO (ROFA)
- ROSANE ZANINI
- SILVIO PARISE
- TOTONHA LOBO
- WANDERLEI FRANCISO
- YARA DARIN

CULTURA E SUAS RELAÇÕES COM A EDUCAÇÃO INTEGRAL

Por Aldo Moraes

Por sua experiência como princípio e norteamento de estatuto e prática, desde sua fundação em 1998, o Instituto Cultural Arte Brasil entende a educação integral como ferramenta necessária para o desenvolvimento da escola e do aluno no Brasil. Considerando as enormes dificuldades que as crianças e seus familiares enfrentam no dia a dia em termos econômicos, sociais e de preparo intelectual e, que se desdobram na falta de qualificação para o mundo profissional, a Educação Integral pode contemplar ações significativas para a melhora na qualidade de vida da população. Pois a educação é a base de toda a estrutura da nossa sociedade.

E suas relações com a cultura, o esporte e as ações sociais são essenciais para a transformação do mundo que queremos. Não por acaso, o Instituto Cultural Arte Brasil e seu projeto mais conhecido e desafiador, o batuque na caixa, foi semifinalista do Premio Itaú Unicef 2011 e 2013, em seleção que avaliaram mais de 5.000 propostas de todo o Brasil. O tema: educação integral!

Entendemos que a Educação Integral não se resume em ocupar os alunos no contra turno escolar, mas possibilitar que as atividades propostas agreguem valor cultural, recreativo e educacional aos assistidos; que a comunidade e as instituições de defesa do menor e do adolescente devem se envolver e se comprometer com o programa; que os familiares devem ter uma noção clara do que representa este programa para seus filhos, para o sistema municipal de educação e para toda a comunidade e que o comprometimento dos profissionais envolvidos com as atividades deve ser total e amparado numa constante reciclagem e avaliação.

Entendemos que este processo é tão importante, que não podemos perder a oportunidade de concretizar aquilo que representa o momento fundamental de uma perspectiva sólida

e inovadora na vida das crianças que estão nas escolas municipais em nossos bairros. Acreditamos na perspectiva de que o conceito da Educação Integral deve também estar além da ocupação de espaços e se constituir numa ampla possibilidade de enriquecimento da estrutura organizacional da Escola, bem como dos conteúdos aplicados e de uma permanência criativa do aluno na escola.

Um dos papéis que esperamos desta escola é o de que ela promova a formação de pessoas aptas a exercerem sua plena cidadania. E que o envolvimento de educadores de várias áreas das artes, cultura e esportes com a estrutura humana das escolas é estimuladora de experiências que se complementam e beneficiam as perspectivas de toda a comunidade em torno, pois leva em conta o pluralismo das pessoas que a Escola recebe.

John Dewey (1859-1952), filósofo norte-americano, influenciou educadores de várias partes do mundo, tendo por base o conceito de “educação como reconstrução da experiência”. Dois aspectos são fundamentais na concepção do programa: a jornada escolar (tempo) e o espaço físico da escola.

Pensamos que a jornada deve agregar valor ao aprendizado e que o espaço pode ser compartilhado com outros espaços públicos de aprendizagem, podendo-se pensar na grande quantidade de espaços ociosos. Neste sentido, a cultura e seus agentes sabem que o espaço da criação e da fruição se encontram muito mais na liberdade de pensamento e ação criativa e social do que necessariamente em lugares físicos.

A música, a dança, o desenho e o livro (que é uma extensão da imaginação e da memória, como disse Jorge Luis Borges, numa conferência em 1978) são ferramentas de diversão, criatividade, cidadania e integração. Pois a cultura se faz sempre com o outro (ouvindo e interagindo) e num desafio como este, deve ser parceira da educação.



Um só elo

Por Alessandro Borges

Como é bom beijar alguém!
Alguém que nos seja íntimo e eterno,
E não jure enganosamente.
Seja sublime e ao mesmo tempo terno,
E do amor só queira o bem!

Como é bom acordar sentindo-se voando leve!
Depois de uma noite intensa e proveitosa,
Sentir, ainda, a pele macia, incitada...
Desabrochando feita uma linda rosa.

Como é bom viver a doce cumplicidade!
Decifrar a querência apenas num olhar...
Ser do outro a mesma verdade,
Sem deixar que morra jamais o desejo de amar.

Como é bom ver esse céu enfeitado de estrelas!
E o amor, outra vez , convidando-nos a ele...
Para explorar, com exatidão, as nossas riquezas,
Quando novamente repousar em nós o Amor.



MEU CEARÁ

Por Antonio Marcos Bandeira

SOU MARCOS BANDEIRA POETA
SOU PALHAÇO E PROFESSOR
SOU DA LITERATURA
UM GRANDE ADMIRADOR
SOU DO TEATRO TAMBÉM
UM HUMILDE PROFESSOR

MORA E FORTALEZA
O MEU BAIRRO É O SIQUEIRA
TENHA FÉ NO MEU SENHOR
E NÃO SOU DE BRINCADEIRA
FAÇO DAS LETRAS A ARMA
DA EDUCAÇÃO VERDDEIRA

FAÇO DA LITERATURA
MINHA ARTE E POESIA
FAÇO DOS MEUS VERSOS
UM MANJAR SÓ DE MAGIA
FAÇO NA ESCRITA OU FALA
O VARAL COM MAESTRIA

FAÇO DA BÍBLIA SAGRADA
MINHA GRANDE INSPIRAÇÃO
DO MEU SENHOR JESUS CRISTO
REDENTOR E SALVAÇÃO
E NO VARAL DO BRASIL
FAÇO A DIVULGAÇÃO

MEU ESTADO? É O CEARÁ
A CAPITAL FORTALEZA
PRAIAS LINDAS E ÁGUAS BELAS
RIOS SEM CORRENTEZA
VIOLÊNCIA ASSALTO E MORTE
ARTE, CULTURA E BELEZA

MEU ESTADO É FANTÁSTICO!!!
LINDO!!! MARAVILHOSO!!!
TEM PROBLEMAS DE SAÚDE!!!
TEM O LIXO MAU CHEIROSO!
MAIS TAMBÉM LITERATURA!
PRA MATUTO E ESTUDIOSO!!!

MEU ESTADO, O CEARÁ
O COBERTO DE RIQUEZAS
NATURAIS, IMATERIAIS
TEMOS MUITAS GRANDEZAS
CULTURA POPULAR E PESSOAS
DE CORAÇÃO E GRANDEZAS

CENTO E OITENTA E QUATRO MUNICÍ-
PIOS
TEM O MEU CEARÁ
CENTO E DEZESSEIS BAIRROS
A CAPITAL TEM POR CÁ
MUITAS PRAIAS E FALÉSIAS
TEMOS A BEIRA MAR

ENFIM, SE AQUI EU FOSSE
FALAR SOBRE O MEU ESTADO
NÃO PODERIA CONTAR-LHES
O QUANTO TENHO-O GUARDADO
NA MENTE E EM MEU CORAÇÃO
POIS O AMO DE PAIXÃO!
MEU CEARÁ AFAMADO!





CULTÍSSIMO

POR ANA ROSENROT

Brasil...um gigante que adormece e acorda, país de grandes matas, de vastas terras, de paisagens exuberantes...Brasil...Terra de gente corajosa, esperançosa, sofrida...Brasil...De brasileiros...Cheios de histórias para contar...

Pensando nisso um diretor resolveu fazer um filme inovador, onde pessoas de verdade e seus cotidianos servem de pano de fundo para um tema principal: a amizade.

Esse filme que marca o recomeço do cinema brasileiro no circuito mundial (e também o retorno do interesse por parte do público) é um filme que a maioria já viu ou reviu e sempre se emocionou, falo do premiadíssimo Central do Brasil.

Mais que um Road Movie (filme de estrada) Central do Brasil fala sobre Odisseias: migrantes perdidos em busca de uma vida melhor, a perseverança do trabalhador brasileiro em sua luta diária, as dificuldades enfrentadas pela classe desfavorecida do país numa eterna guerra contra a fome, a violência, a desigualdade social, o medo do amanhã, o analfabetismo; tudo isso fazendo parte da vida de um povo que não desiste, que procura meios para que sua voz alcance os que ficaram longe e é através de Dora (Fernanda Montenegro) a escrevedora de cartas da Estação Central do Brasil no Rio de Janeiro (que cobra, escreve e nunca envia as cartas, "calando" a comunicação das pessoas) que eles tentam diminuir a distância e a saudade dos entes queridos.

Mas o destino coloca em seu caminho Josué (Vinícius de Oliveira), filho de sua cliente Ana, que morre atropelada e deixa Josué sozinho, dando início a Odisseia de Dora que decide levar o menino (totalmente a contragosto) para encontrar o pai que ficou no Nordeste, durante a perigosa viagem, cheia de descobertas e contratempos, seguimos juntos com o inusitado par e conhecemos o Brasil por dentro, sem retoques, enquanto vemos a amizade

que cresce entre Dora e Josué e o redescobrimiento, por parte de Dora, de sua humanidade e feminilidade e passamos a viajar com eles, esperando emocionados o momento do grande encontro familiar.

Com fotografia impecável, roteiro simples e bem escrito (João Emanuel Carneiro e Marcos Bernstein), a direção eficiente de Walter Salles e um elenco com atuações memoráveis, destaques para Fernanda Montenegro, indicada ao Oscar de melhor atriz, a doce participação de Marília Pera e claro da grande revelação Vinícius de Oliveira, um engraxate sem nenhuma experiência em atuação, que venceu 1.500 meninos para interpretar o papel de Josué. Tudo isso faz de Central do Brasil um filme imperdível e justifica todas as premiações recebidas pelo filme, entre elas: Urso de Ouro de melhor filme e Urso de Prata de melhor atriz no Festival de Cannes, melhor Filme no Festival de Berlim (1998) e melhor Roteiro no Festival de Sundance, entre outros e indicações para o Globo de Ouro e ao Oscar de melhor filme estrangeiro e melhor atriz.

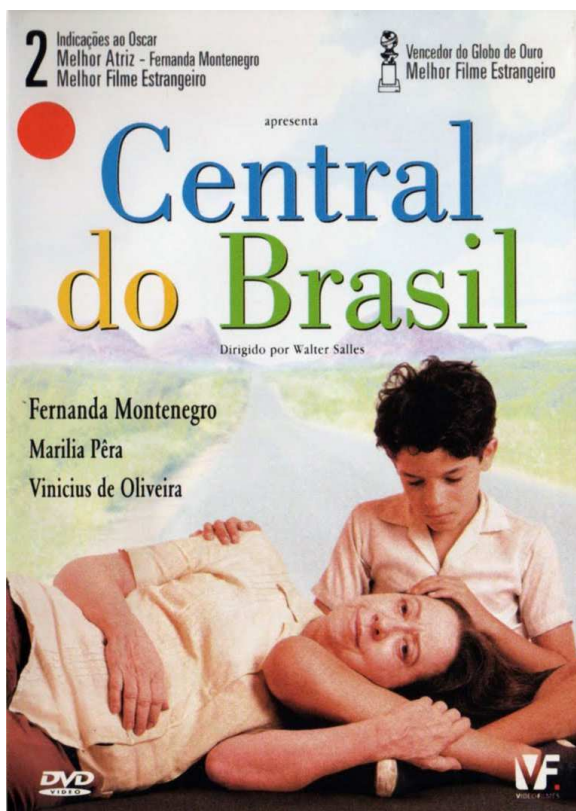
Toda a repercussão do filme, além de reaquecer o cinema nacional inspirou o Projeto Escreve Cartas, uma iniciativa do governo paulista, mantida por voluntários que funciona nas agências do Poupatempo de Itaquera e Santo Amaro e já escreveu e enviou mais de 200 mil cartas e além de São Paulo no Rio de Janeiro, na própria Estação Central do Brasil e na Rodoviária Nova em Aracajú na capital do Sergipe também existem escrevedores voluntários.

É a vida imitando a arte e a arte inspirando a vida. Na próxima tem mais!!

(Segue)

Central do Brasil - Brasil/ França 1998

- Dirigido por Walter Salles contra a trajetória de Dora (Fernanda Montenegro), que escreve cartas para analfabetos na estação Central do Brasil. Uma das clientes de Dora é Ana, que vem escrever uma carta com o seu filho, Josué, um garoto de nove anos, que sonha encontrar o pai que nunca conheceu. Na saída da estação, Ana é atropelada e Josué fica abandonado. Mesmo a contragosto, Dora acaba acolhendo o menino e envolvendo-se com ele. Termina por levar Josué para o interior do Nordeste, à procura do pai. À medida que vão se aventurando pelo país, esses dois personagens, tão diferentes, vão se aproximando. Começa então uma viagem fascinante ao coração do Brasil, à procura do pai desaparecido, e uma viagem profundamente emotiva ao coração de cada um dos personagens do filme.



Para contato e/ou sugestões:

anarosenrot@yahoo.com.br

Curtam no Facebook a página: CULTíssimo - Ana Rosenrot

UM POUCO DO QUE É SER MÃE

Por Basilina Pereira

Se eu não fosse mãe,
por certo não saberia...não,
com certeza não saberia:
o que é prioridade,
o que é amor incondicional
e o que é nunca estar pronta para a missão mais impor-
tante.

Se eu não fosse mãe,
não entenderia o que é ser plena na insegurança,
nem poderia transcender...
que o limite desse elo é o infinito.
Quando o corpo se desdobra em outras vidas,
é que a alma foi, enfim. multiplicada.



NASCIMENTO DO MEU FILHO

Por Camila Gomes

E o grande momento chegou
você nasceu dia 14/05/12
em uma linda tarde de sol
as 18:00 horas em ponto

Do signo de Touro
me mostrou que é um menino de ouro
muito calmo e tranquilo.

Quando veio para casa ficou mais à vontade
dava para ver nos seus olhos a sua felicidade

Mesmo sendo uma criança com pouca idade
deixou as enfermeiras com saudade

Ansioso o seu pai estava nos esperando
na sala de casa e foi logo dizendo:

- Estava louco para te ver
filhinho lindo, meu amor
meu bem querer...

(Dedicado ao meu filho ALDO SALUSTIANO GOMES DE MORAIS)



Dádiva

Por Carmen Lúcia Hussein

Eu não o perdi
Desde que nos separamos
Eu o tenho no meu pensamento
Nos meus sentimentos
Nas lembranças
Nas minhas orações
E nas minhas poesias
Eu não o perdi
Eu o tenho no meu sentir.



A arte de escrever precisa ter manual?

Pablo Neruda diz simplesmente que “escrever é fácil: você começa com uma letra maiúscula e termina com um ponto final. No meio você coloca as ideias”. Mas, sabemos que é bem mais complicado que isso. Às vezes, existe a vontade de escrever, mas aí vem a pergunta: por onde iniciar?

Nós, autores, diríamos apenas que nascemos com o dom de escrever ou que é *feeling* ou ainda que colocamos nossa criatividade para funcionar junto com os sentimentos e pronto. Somos categóricos em afirmar que não é necessário um manual para escolher palavras, formar frases, parágrafos, longos textos e um livro. Só que existem pessoas e pessoas. Muita gente não consegue colocar no papel as ideias. Por isso, resolvi sugerir algumas dicas para quem tem vontade de ser um escritor e tomar coragem de dar o primeiro passo na concretização do sonho de perpetuar o pensamento para o mundo, seja em livro impresso ou digital. Na verdade, o caminho é sempre o mesmo. Com doses de persistência, vontade e disciplina, chegamos lá.

Vamos às sugestões:

1. Ter ideias (conteúdo) e vontade de escrever
2. Planejar o passo a passo: entrevistas, pesquisas, seleção de fotos
3. Organizar os documentos coletados por data, assunto, capítulo, ordem dentro do livro
4. Roteirizar o esqueleto da obra
5. Escolher o gênero da história (romance, ficção, aventura...)
6. Definir o personagem principal, o conflito da narrativa, o anti-herói, o lugar onde se passa a história
7. Agendar um tempo para escrever
8. Exercitar a criatividade começando a colocar no papel as ideias
9. Criar intimidade com as palavras
10. Não esperar estar de bom humor para escrever
11. Transformar as palavras em frases e frases em textos
12. Tentar despertar os cinco sentidos

dentro do texto

13. Não ter preguiça de reescrever, descartar ideias, reformular pensamentos
14. Deixar a autocrítica de lado (nesta primeira fase, pelo menos)
15. Evitar clichês e monotonia na linguagem
16. Ter em mente a pergunta: em quê farei a diferença no mundo?

Claro que existem outras dicas, porém estas sugestões já ajudam neste começo difícil. Quem se aventura na arte do escrever pode e deve criar maneiras de externar conhecimentos e compartilhá-los. É tão bom ver nosso nome nas capas de livros, em uma livraria, nas mãos de um desconhecido... Isso sem contar que ganhamos pontos extras na hora de um mestrado ou até na hora de arranjar um emprego ou melhorar o salário. Quem já escreveu uma obra sabe a delícia que é ser reconhecido!

Sempre tive vergonha de expor o que escrevia. A fase foi passageira. Porém, tenho certeza que isso é comum entre os aprendizes de escritor. Deixe a vergonha de lado e comece a pensar. Todos temos conteúdo para passar adiante. Um livro fica para a posteridade e publicar uma obra é deixar nossa marca na história.

Então, como diz Neruda, vamos arregaçar as mangas e começar com a nossa primeira letra maiúscula: A...

Cláudia Moreira é autora do livro Jornalismo: Glamour ou Ralação?, é organizadora do livro Cartas da Tribo e atualmente é jornalista responsável pela Editora Ponto Vital de Curitiba.

claudia@editorapontovital.com.br

A autora envia regularmente resenhas de livros que são publicadas em nosso blog e página Facebook.



NO UNIVERSO DE GUACIRA MACIEL



Ser garimpeiro, eu?

Guacira Maciel (fragmento de “Cruz do meu rosário; um amor na

Chapada – romance).

No entanto, a imensa maioria nada conseguia; às vezes, nem o suficiente para comer. O cansaço, as doenças ou a velhice prematura chegavam e ainda encontravam uma delirante esperança de riqueza. Numa dessas turmas de recém chegados encontrava-se Carlos, cujo sobrenome era totalmente desconhecido; era perigoso ter revelada a sua identidade de filho do patrão, razão pela qual o pai fizera questão que todos ignorassem isso, embora tivesse designado um homem, sigilosamente e pago a peso de uma pequena fortuna, para ficar de “oio” no seu filho, sem que o mesmo soubesse. Naquele ambiente não se podia ter essas considerações; pelo menos ali, podia-se dizer que existia igualdade, nem que fosse de uma forma que os tornava desiguais em relação aos outros seres humanos.

Certo dia, enquanto todos descansavam um pouco depois de comer um magro farnel, composto de carne seca, feijão cozido em água e sal, e farinha, Carlos teve uma grande decepção; estando perto de dois homens desconhecidos pensou em puxar conversa para se sentir mais incluído no grupo, mas, ao se aproximar, percebeu que eles conversavam à meia voz, e parou subitamente, pois essas in-

tromissões podiam ser consideradas “curiosidade”, mal recebidas por eles. O assunto da conversa era inimaginável, e incluía o luxo de planos para o futuro, que talvez nem chegasse. Sempre pensara na lavra do diamante como uma grande aventura, cheia de emoções quixotescas... naquele dia, porém, sem querer chamar muito a atenção dos outros. Carlos ouvira uma “prosa” muito esquisita:

_ Tô morto de cansado!...

_ Só o sinhô?

_ Hummm...um sono tão veio qui parece ter virado uma preda im cima dos meus oio.

_ É...parece qui quanto mais cansado nois tamo, menos consegue durmi...

_ Hum!...e quanto mais veio, pió nois fica...

_ Seu Zequinha, intão o sinhô conta o qui vai fazê primero, quando incrontá aquele bichão piscando com uns oio de todas cor qui se pode pensá?

_ Sei não... e as preda num vem piscando como tu pensa, ela é um carbonado e carece sê lapidado...e oia, tô cansado de pensá nisso...

(Segue)

_ Home, diz só a primera coisa qui tem na cabeça; eu, pur mim, já sei o qui vô fazê...

_ Intão conta ocê! eu inda num pensei ni alguma coisa assim... certo, não...

_ Apois eu dô um berro como a fera qui sô; um urro das onça qui nois ovía vim de dentro da mata quando ia caçá...

_ Onça? qui onça? deixa de prosa, home... aquilo lá era onça? uma jaguatirica de nada, qui aqui num tem onça das verdadeira, mermo!

_ É, eu sei...mais eu falo do berro, sô!

_ Mas ocê só vai berrá qui nem a jaguatirica? é poco pra tua sede!...

_ Não... adepois eu disimbesto nesse mundão de meu Deus, qui nunca mais ocês bota os oio n'eu.

_ É... eu sei...tú num vai longe, não, e adepois de ocê enchê o rabo de toda cachaça e cumê todas puta do arraiá, vorta morto de fome pra cumeçá tudinho otra vez. Eu sô mais veio qui tu e já vi muito minino fazê o mermo e adepois vortá chorano.

_ O quê? cumigo não!...tô dizeno? eu num vorto nesse inferno é nunca mais! é bastante uma predinha das boa!

_ Tá bom...e onde tu vai achá essa predinha? oia, vamo pará cum essa conversa qui o jagunço do Coroné tá oiando e pensano qui nois tá cum alguma tramóia...

_ O qui o sinhô disse?

_ Ocê nunca ovíu falá das coisa qui os pessoá faz pra iscondê uma predinha mixurica, não?

_ Conta o sinhô, intão...

_ Eu sô macaco veio e já vi coisa qui o

Todo Puderoso duvida...

Nesse momento, faz desajeitadamente

o sinal da cruz e tira respeitosamente da cabeça frangalhos do que fora um chapéu.

_ Apois eu tô dizeno... por essa luz que

home alumia, qui muitas vez chamaro o dotô Filício já cheio das cachaça pra tirá do rabo de muito macho aqui, um carbonado de nadinha, qui iscondero lá pra robá o dono do garimpo...

_ Vixe Maria!...e o dotô faz isso bebo? me dissero qui ele, quanto mais bebo, mió trabaia

_ Ôxe! diz o povo qui é assim mermo; qui quanto mais incharcado de pinga, mió ele trabaia; já vi muito valentão chorano cum as tripa de fora, de tanto tomá olio de rícino pra botá na bosta a predinha que robô...

_ Moço!...é mermo verdade, é?

Seu Zequinha viu o terror nos olhos do seu jovem interlocutor.

_ Se é? ôxe! e eu sô cabra de mintira? isso num é nadinha, moço. Tu inda ta nos cuêro, mais vai vê muita coisa ruim se vivê pra vê...

_ Vixe Maria!! e eu tenho iscoia de outra vida? vô tê qui ficá é aqui mermo.

_ Intão se cuida, macho! num tenta nem im pensamento robá o home...oia, inté bucho cortado eu já vi pra tirá de lá as preda qui foi robada de dono de garimpo...

_ É...

Recordando su injusta muerte entre febrero y marzo
de 1945)

ANA FRANK EN LA CASA DE ATRÁS

Por Daniel de Cullá

Recorro el sitio donde Ana Frank vivió
Y estuvo escondida, la Casa de Atrás
Que abre sus puertas de par en par
A todos los días en el centro de Ámsterdam.
Delante de una de sus bellas fotos
Con esa sonrisa tan amplia de joven Gioconda
Medito, pienso y digo:
¿Quién lo creería?
A una niña que comienza a reír y a soñar
Le tuercen la boca con un descompasado guantazo
Los sayones de la cruel Gestapo
Rebuznantes de odio y ascos
A esta bella niña judía que ya hermosea
De quien aprendemos muy bien en su “Diario”
El caritativo y buen consejo de honrar y amar
A los padres y a la patria
Conocedora, también, de que
“El buey no es de donde nace sino de donde paca”.
En algunas fotos, parece que llora, pero no es por
ella
Sino por sus paisanos que sufren el bronco sonido
Y el estridor desapacible de los criminales alema-
nes
Arrastrando a sus campos de concentración
A deportados judíos y otras amables gentes
Que no les entran por su ojo ario
Y que quieren hacer una tortilla su cerebro.
Ella, desde los trece años escribe, con dieciséis
muere

No entendiendo de odios ni rencores
Sabiendo que el desamor y la violencia
Son propios de criminales y asesinos majaderos.
Recordémosla ordeno a los que me acompañan
En este fondo de la Casa de Atrás
Y en el campo de concentración de Bergen-Belsen
Al norte de Celle, en Alemania
Donde ella y su hermana por vejaciones y enferme-
dad mueren.
Le duele Alemania, ya lo creo
Por eso dice, pero no escribe:
“Vosotros alemanes habéis elegido por Führer un
Asno”.
¿Quién no sabe de Hitler las maldades
De ese malnacido ladrón de guerra los enredos?
¿Quién ignora de Hitler los campos de trabajo y sus
crematorios?
Los campos ignominiosos donde el monstruo nazi
Quiere hacer de sus prisioneros
Una tortilla su cerebro
O en humos de chamusquina de cuerpos quemados
Su pangermánico Pontificado.
Ana Frank habrá perdido la vida, sí
Pero qué de reinos, provincias y países
Ha conquistado su amor y celo formidables
Alcanzando que muy pocas mujeres y hombres
Se porten, hoy en día, como criminales y crueles
asesinos
Como descerebrados caníbales.
-“Haberlos hailos”, dice un gallego. Calla y conti-
núa:
-“Muy tontos serán los hombres, tal vez Asnos
Si de Ana Frank no siguen el consejo”.

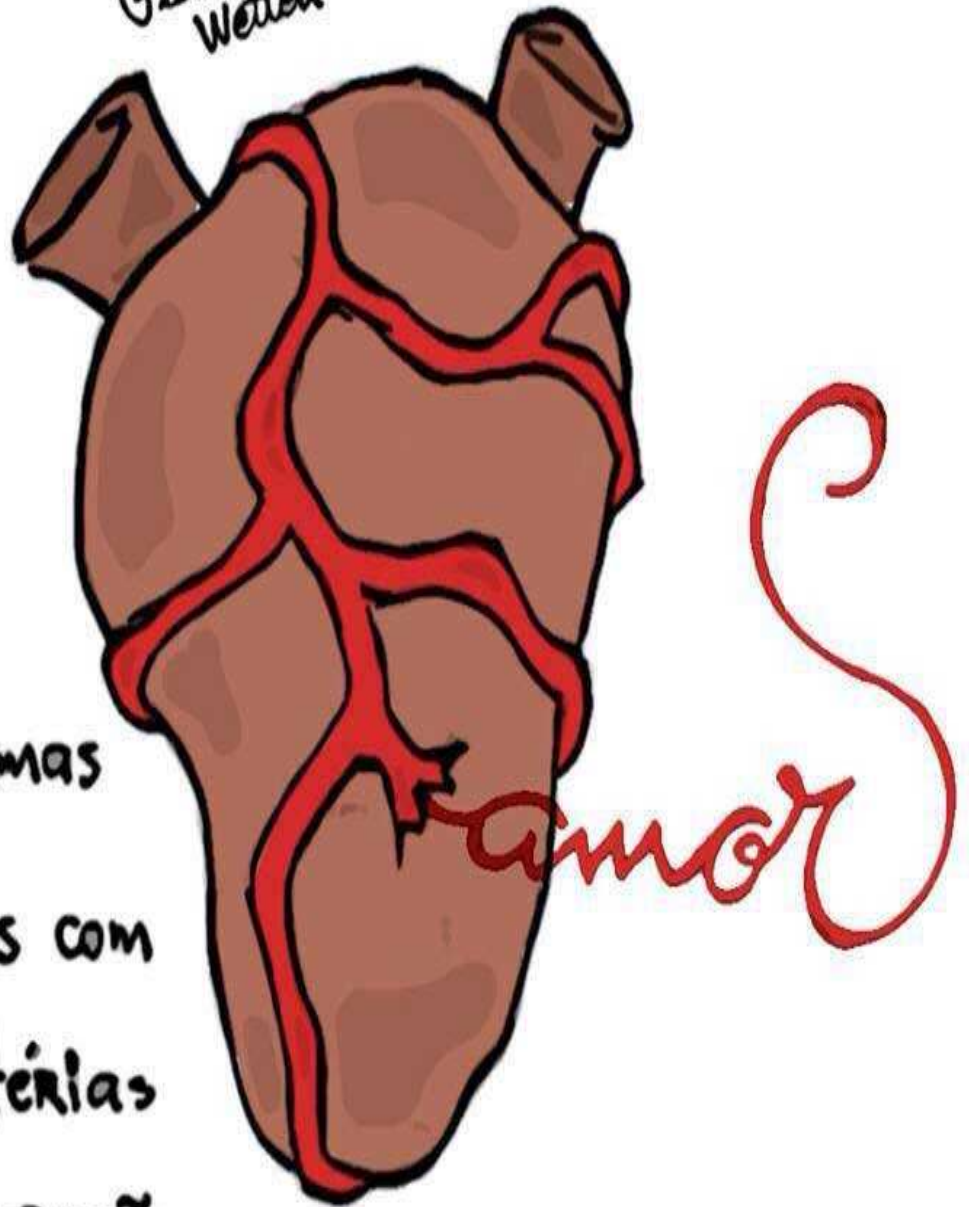




Tento trocar a lágrima pela caneta,
ao menos essa tem cor.

DÉBORA VILLELA PETRIN

Flávio
Wetten



Alguns poemas
são escritos com
as artérias
do coração.

Expelindo nas veias o amor que
é capaz de sobreviver nas
linhas do tempo.

DÉBORA VILLELA PETRIN

ISSO É TUDO...

Por Dilercy Adler

Tu me encantas
quando acalenta
o meu sonho
no brilho dos teus olhos ...

-eu-



Eternamente grata

Por Dinorá Couto Cançado

Fazendo uma breve retrospectiva
de quatro décadas em Brasília
emociono-me com tantos momentos
marcantes na caminhada.

Filhos nascidos saudáveis na rede pública de saúde,
aos cuidados e amparo do antigo hospital-maternidade,
meu carinho e homenagem; minha eterna gratidão.

Em duas cidades, já no sistema educacional,
educadora concursada no Distrito Federal,
sempre grata por anos a fio dedicados à profissão amada.

Depois de aposentada, intensidade e dedicação
reforçaram o fazer de maneira apaixonante.

Leitura, projetos, ações literárias e cultura
levados adiante

em um trabalho voluntário edificante.

O pouco que se dá, traz muito retorno
em termos de afeto, carinho, amizade
e gente feliz.

Isso se percebe
enquanto os sentimentos são compartilhados.

É via de mão dupla
via onde a gratidão em movimento
sempre se faz presente!



Mulher Solitária

Por Ildérica

Vida solitária tem um preço
De tristeza e saudade
Cada dia representa
Emoção e Lealdade

Sorrindo ou chorando
Sua vida continua
Na luta de cada dia
Vai sempre comemorando;

Momentos felizes são difíceis
Na terra tem seu valor
Os méritos e recompensas
Recebidos com louvor.

Siga em frente sua vida
Recheando com o dever
Para mais tarde receber
O desejo de vencer.



ANDORINHAS

Por Jenario de Fatima

Quando em criança, lembro das tardinhas
e da cor rubra, de tantos ocasos.
Bem lá no centro das lembranças minhas
(...E ai me enchem d'água os olhos rasos!)

me vem o voo sutil das andorinhas,
que ao frenesi do seu bater de asas,
cruzavam céus em sinuosas linhas,
fazendo evoluções no vão das casas.

Recordo ainda o que mamãe dizia;
- São Andorinhas, aves benfazejas,
Deus as fez só pra alegrar Maria

Quando iam brincar com seu Jesus menino.
por isso agora vivem nas igrejas
nas altas torres onde bate o sino



Foto: Wikipédia



HISTÓRIA DO BRASIL SOB A ÓTICA FEMININA

Hebe C. Boa-Viagem A. Costa

Maria Augusta Generoso Estrela

1860 – 1946

Primeira médica brasileira formada no exterior

Maria Augusta, carioca, nascida aos 10 de abril de 1860, era filha de Maria Luísa e Albino Augusto Generoso Estrela. Para poder estudar medicina precisou ir para o exterior porque no Brasil as portas dessas faculdades estavam fechadas para as mulheres. Maria Augusta recebeu uma educação primorosa que lhe propiciou condições para disputar uma vaga numa escola superior estrangeira.

Fez o curso elementar no Colégio Brasileiro, no bairro de Laranjeiras, onde estudou inglês, francês, português, piano, canto, dança e prendas domésticas. Interrompeu seus estudos para, com o pai, viajar para a Europa. Estava com treze anos. Durante um mês visitou diversas cidades portuguesas e seus lugares históricos. Depois, seguiram viagem para a Ilha da Madeira onde Maria Augusta permaneceu durante seis meses, no Colégio de Vila Real, enquanto seu pai, a negócios, percorreria outros lugares da Europa.

Ao retornar ao Brasil, durante a viagem de navio, Maria Augusta deu provas de

coragem e iniciativa. Após um abalroamento, o navio ameaçava naufragar e o comandante, não querendo admitir seu erro, recusava-se a pedir ajuda. Todos estavam muito nervosos, temerosos com a atitude resistente do comandante. Foi quando Maria Augusta se dirigiu a ele e o convenceu a pedir ajuda. Todos foram transportados para o navio que os socorreu e dele, emocionados, viram o outro afundando. Maria Augusta ficou então, além de Estrela no nome, a estrela do navio.

(Segue)



De volta ao Rio, novamente foi internada no Colégio Brasileiro. O pai a visitava freqüentemente e aos sábados ia buscá-la para passarem os domingos juntos. Maria Augusta, dominando bem o inglês, gostava de ler os jornais e revistas norte-americanos. Numa dessas leituras viu a notícia de uma jovem que estudava medicina em Nova York. Ficou entusiasmada e sabedora que no Brasil isso não podia acontecer, pensou logo em estudar no exterior.

Mas, uma dúvida a perturbava: poderia depois clinicar no Brasil? Soube, depois, que um Decreto de 1832 permitia essa realização. Falta-va agora convencer o pai. E foi o que ela fez!

Mais uma vez a sorte bateu à sua porta. Uma amiga da família, a senhora Guimarães, sabedora das intenções de Maria Augusta, se dispôs a levá-la aos Estados Unidos. Seu Albino reluta, mas acaba concordando e a jovem parte para Nova York em 1875. Para a época tal atitude era muito ousada e causou impacto não só no Brasil como nos Estados Unidos. O acontecimento foi divulgado por inúmeros jornais brasileiros: *Mequetrefe* (RJ), *Diário do Rio* (RJ), *O Globo* (RJ) e *A Lei*, Salvador (BA). Nos Estados Unidos Maria Augusta também foi manchete: *New York Herald*, (Nova Iorque); *New York Weekly Day Book* (Nova Iorque). Afinal, era uma jovem de quinze anos que se dispunha a enfrentar todos os obstáculos para atingir o seu ideal: ser a primeira médica brasileira.

Uma vez nos Estados Unidos, a Sra. Guimarães a colocou como pensionista na *Saint Louis Academy*, em Oswego, onde fez seus preparatórios para depois ingressar na Faculdade. Posteriormente ela se transferiu para o *Colégio de Madame Mears*, em Nova

York onde completou, com sucesso, o seu preparatório. Chegara a hora de se candidatar aos exames de ingresso na *New York Medical College and Hospital for Women*. Com surpresa, seu pedido foi indeferido sob a alegação de não ter os dezoito anos exigidos para o ingresso. Maria Augusta não se deu por vencida e recorreu da decisão com o seguinte argumento: Por que lhe negavam o acesso ao curso por razões de idade se poderiam usar outro critério mais eficiente constatando sua capacidade através de um exame sobre seus conhecimentos? Os diretores, ante o inusitado da sua argumentação, resolveram ouvi-la e se surpreenderam com o brilhantismo de suas respostas. Depois de conferenciarem os membros da Congregação chegaram a um resultado: pedido deferido e os exames marcados para o dia 16 de outubro. A realização destes, diante de um auditório repleto, foi perfeita e os examinadores concluíram: *aprovada com distinção!*

No dia 17 de outubro de 1876 iniciou o seu curso no New York Medical College and Hospital for Women. Novamente um jornal brasileiro, *Folhetim*, Salvador, BA, saúda o seu feito. Maria Augusta passou a residir na casa da doutora Clara Plimpton, professora do New York Medical College.

Maria Augusta, à medida que assistia às aulas, se encantava cada vez mais com a *ciência de Hipócrates*. Escrevia freqüentemente cartas ao pai contando suas novas experiências.

(Segue)

Albino Estrela, entretanto, passava por sérias dificuldades econômicas e estava sendo difícil manter a filha em Nova York. O Imperador Pedro II soube das dificuldades de Albino e resolveu ajudar a jovem estudiosa, pois entendia bem a importância da educação para as mulheres. Não proporcionara às suas filhas uma educação primorosa para que bem pudessem servir a terra onde nasceram? Por isso ...*dignou-se estabelecer-lhe (para Maria Augusta) do seu bolsinho a pensão anual de 1500\$ e recomendá-la aos cuidados do Sr. Salvador de Mendonça, nosso cônsul naquela capital.* Fez mais ainda: por decreto, em 1877, ordenou que se concedessem os subsídios para os estudos de Maria Augusta: a quantia de 100\$000 reis por mês para pagar a faculdade e 300\$000 reis por ano para gastos gerais. Assim, pela primeira vez o governo concedia uma bolsa de estudo a uma mulher. Particulares se solidarizaram com a intrépida estudante e fizeram doações para que ela terminasse o curso.

D. Pedro II, possivelmente sensibilizado com a luta de Maria Augusta para realizar o seu ideal, resolveu liberar o curso superior para as mulheres ao apoiar a Reforma Leôncio de Carvalho por meio do Decreto n.º 7247, de 19 de abril de 1879. Luciana de Abreu*, a jovem pioneira na luta pelo acesso da mulher ao curso superior, teve tempo de assistir à realização da causa pela qual se empenhara. Entretanto, não pode dela se valer. Faleceu em 1880.

Maria Augusta terminou o curso em 1879, mas não pode receber o diploma. De acordo com o Estatuto da Faculdade o for-

mando precisava ter, pelo menos, 21 anos de idade. Maria Augusta aproveitou esse tempo de espera para fazer cursos, estagiar em vários serviços médicos. Ao realizar uma necropsia ela se feriu e teve uma inflamação que só foi debelada após um longo e doloroso tratamento.

Estava se aproximando o término de seu período de espera para receber seu diploma e voltar para o Brasil. Escreveu uma longa carta para o pai fazendo planos para esse reencontro. Entretanto, Albino faleceu antes de ver a filha formada.

Nessa época uma outra brasileira, Josefa Águeda, cursava a mesma Faculdade e tornaram-se amigas. Em 1881 as duas lançaram um periódico – *A Mulher* – em que instavam as jovens a lutar por sua emancipação, por seus direitos a uma educação de melhor qualidade, pela escolha de uma profissão... Como não podia deixar de ser, o periódico causou muita polêmica tanto no Brasil como nos Estados Unidos.

Finalmente, em março de 1881, aconteceu sua formatura no Association Hall de Nova York. Eram quatro as formandas: duas norte-americanas, uma alemã e uma brasileira. Após o juramento de Hipócrates, a entrega dos diplomas, Maria Augusta foi a oradora da turma e também agraciada com uma medalha de ouro pelo seu desempenho no curso e pela sua brilhante tese, *Moléstias da pele*. A imprensa norte americana (Herald, The New York Times, The Star) também noticiou o sucesso da jovem médica brasileira.

(Segue)

Desejosa de permanecer mais um ano nos Estados Unidos para especializar-se, D. Pedro II concedeu-lhe autorização para tanto.

Em outubro de 1882 Maria Augusta retornou ao Brasil e foi saudada pela imprensa brasileira. Apressa-se em avistar-se com o Imperador e lhe apresentar o agradecimento pela sua generosa contribuição para que pudesse realizar o seu sonho. Foi uma longa e tranqüila conversa entre ela e o Imperador. Maria Augusta pode, então, lhe mostrar a Medalha de Ouro que ganhara por ter sido a melhor aluna da sua turma. Também a Imperatriz participou da conversa que versou sobre o papel da mulher e do quanto, como médica, poderia servir o país.

Para validar seu diploma Maria Augusta prestou os exames conforme determinava o Decreto de 1832. Não temia enfrentar qualquer banca examinadora depois de ter se destacado no exterior. Era capaz de se expressar corretamente, também, em inglês, francês, espanhol e alemão. Mas o que a deixou feliz foi encontrar várias alunas matriculadas na Faculdade de Medicina. A sua persistência, portanto, abriu caminho para que outras mulheres pudessem realizar seus sonhos.

Chegara a hora de ter o seu consultório e começar a trabalhar. A placa na fachada do prédio indicava que *Dr^a. Maria Augusta Estrela* iniciara suas atividades profissionais no Brasil.

Até conseguir realizar seu objetivo Maria Augusta não se envolveu sentimentalmente com nenhum dos muitos pretendentes que tentaram conquistá-la. Em 1884 conheceu Antonio da Costa Moraes, farmacêutico forma-

do na Universidade de Leipsig, Alemanha que, ao retornar ao Brasil participou da guerra do Paraguai e de lá voltou, em 1870, como herói, com o posto de segundo tenente. Uma vez no Rio de Janeiro, tornou-se proprietário da Farmácia Normal. Tal como Maria Augusta, Antonio estudara no exterior, tinham profissões que se completavam e logo perceberam que estavam enamorados. O casamento aconteceu nesse mesmo ano. Maria Augusta transferiu seu consultório para uma das salas da farmácia onde atendia mulheres e crianças.

Os filhos foram chegando: Samuel, Matilde, Bárbara, Luciano e Antonio. Mesmo com a família crescendo ela continuou atendendo seus pacientes com desvelo e, como sempre, com muita eficiência.

Por ocasião da proclamação da República o casal, que sempre tivera grande apreço por D. Pedro II, foi alvo de ataques dos defensores da nova ordem e tiveram a farmácia depredada. Entretanto, não se intimidaram, reformaram o estabelecimento e corajosamente continuaram atendendo a clientela.

Em 1908, Antonio faleceu e Maria Augusta, a partir daí diminuiu sua atividade profissional e passou a dedicar-se mais à família. Assim mesmo, muitas vezes foi convidada pelos colegas para discutir casos de difícil diagnóstico. Seus pareceres eram muito apreciados. Nunca deixou de estudar. Era uma leitora voraz e, conhecendo diversos idiomas, tinha fácil acesso a tudo que acontecia na sua especialidade. Permaneceu assim operante até o fim de sua existência.

(Segue)

Essa valorosa mulher faleceu em 1946, aos oitenta e seis anos. Teve morte súbita enquanto, tranqüilamente, conversava com os familiares.

Outras Médicas pioneiras:

- Rita Lobato - RS – 1ª médica formada no Brasil – Faculdade de Medicina da Bahia – 1887; 2ª da América Latina;
- Ermelinda Lopes de Vasconcelos - RS - 2ª medica – Faculdade Federal do Rio de Janeiro 1888
- Antonieta César Dias – RS – 3ª médica – Faculdade Federal do Rio de Janeiro - 1889

Amélia Benebien – CE - 4ª médica – 1ª nordestina - Faculdade da Bahia – 1889

Para saber mais:

COSTA, Hebe Boa-Viagem – Elas, as pioneiras do Brasil – Ed. Scortecci- SP – 2005



Júlia Lopes de Almeida

1862 – 1934

Uma mulher com múltiplos interesses

Nascida no Rio de Janeiro, Julia Valentina passou sua infância e adolescência, num lar estimulante, em Campinas (SP). Seus pais, o médico Valentim José da Silva Lopes e Maria Pereira Lopes, lhe proporcionaram uma educação de qualidade e, ao descobrirem o seu talento para as letras, bem diferentes da prática costumeira de então, a incentivaram a desenvolvê-lo.

Aos dezenove anos, Julia passou a colaborar na *Gazeta de Campinas* fazendo comentários sobre espetáculos teatrais. Usando o pseudônimo de Ecila Worms foi, gradativamente, ampliando a sua participação na imprensa paulista e carioca. Como todo o principiante, Julia experimentou dificuldades, mas soube resolvê-las e firmar-se na profissão.

Outras mulheres, nessa época, também procuravam expressar suas ideias por meio da imprensa, algumas até fundando jornais femininos. Surgiram, assim, *O Sexo Feminino* (1875), *A Família* (1888), *Mensageira* (1887) entre outros. Neles, essas escritoras combatiam o preconceito contra a mulher, a deficiente educação que lhes ofereciam e também as limitações impostas a seu campo de atuação.

Foram contemporâneas de Julia, entre outras, as poetas Zalina Rolim* e Francisca Júlia*. (Segue)

Em 1885 foi convidada para participar do grupo de redatores de *A Semana*, no Rio de Janeiro. Participavam desse grupo poetas de destaque, como Olavo Bilac, Artur Azevedo e Filinto de Almeida.

Pouco tempo depois, Júlia passou a usar um novo pseudônimo nas suas crônicas: Julinto. Por quê? Tendo se casado com o poeta português Filinto de Almeida, um dos diretores de *A Semana*, fez a fusão de seus nomes resultando JULINTO.

Na sua longa carreira como jornalista, cerca de quarenta anos, colaborando em vários periódicos (trinta anos no *O Paiz*) Júlia pode dar vazão a toda sua versatilidade. Por meio da imprensa teve oportunidade de influir em diferentes setores. Atuou com eficiência nas campanhas em defesa de uma melhor educação para a mulher, do divórcio, da necessidade da instalação de creches... Em outras crônicas revelou-se abolicionista e republicana. Também se preocupou com os problemas da urbanização e usava sua pena em defesa da cidade. Visando a uma CIDADE JARDIM, fez campanha através da imprensa para que o morro de Santo Antonio não fosse arrasado e saiu vitoriosa. A primeira exposição de flores realizada no Rio de Janeiro foi produto de suas crônicas. Envolveu-se, com entusiasmo, no projeto do caminho aéreo do Pão de Açúcar. Petrópolis também foi alvo de uma campanha desencadeada por Júlia que sugeriu o plantio de hortênsias às margens do rio canalizado que corta a cidade. Boa parte de suas crônicas teve como população-alvo as mulheres. Opôs-se ao ideal convencional da mulher como uma figura passiva que vi-

vesse para e através do homem. Concebia a nova mulher como agente de transformação da sociedade, atuante e independente. Para tanto, advogou para elas uma educação de melhor qualidade.

Aderiu às campanhas de Bertha Lutz*, filiou-se à Legião da Mulher Brasileira e, em 1919, formou um novo grupo: a Universidade Feminina Literária e Artística. Foi também atuante nas reuniões para a criação da Academia Brasileira de Letras. Entretanto, por ser mulher, não pode nela disputar uma cadeira. Filinto de Almeida, seu marido, é que foi eleito.

Publicações:

Contos: -1886 - **Contos Infantis** - tendo a irmã, Adelina Lopes Vieira, como colaboradora; 1887 - **Traços e iluminuras** – livro de contos que teve sucesso de público e de crítica; **Ânsia eterna** -1903/1938; **A isca** – 1922; **Pássaro tonto** 1934.

Romances: **A Família Medeiros;** **A viúva Simões;** **Memórias de Marta;** **A Falência;** **Correio da Roça;** **A Intrusa;** **A Silveirinha;** **Cruel amor;** **A casa verde.**

Outros textos: **Livro das donas e donzelas;** **Livro das noivas;** **Jornadas no meu país;** **Histórias de nossa terra;** **Oração a Santa Dorotéia.**

Distinguiu-se como **teatróloga:** **A herança** encenada no Teatro da Exposição Nacional -1908; **Eles e elas** – 1910; **Quem não perdoa** - encenada no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, com música de Alberto Nepomuceno, em 1912; (Segue)

Doidos de amor e **Nos Jardins de Saul** episódio bíblico em um ato com canção de Nepomuceno (Os três últimos reunidos foram editados no Porto – PT- em 1917).

Escreveu um manual de jardinagem – **Jardim Florido** – 1922

Com toda essa produção, durante quarenta anos de carreira, Júlia conseguiu ser coerente com o que sempre pregou: conciliar sua profissão com “o sagrado papel de esposa e mãe”. Teve três filhos: os poetas Afonso e Albano e a famosa declamadora Margarida Lopes de Almeida. Escreveu o livro **A casa Verde** de parceria com o marido e foi a incentivadora de sua entrada na Academia Brasileira de Letras. Todo seu trabalho é um testemunho fiel da época em que viveu.

Julia Lopes de Almeida faleceu no Rio de Janeiro em 30 de maio de 1934, aos setenta e dois anos.

Para saber mais:

COSTA, Hebe Boa-Viagem – Elas, as pioneiras do Brasil – Ed. Scortecci- SP – 2005



**Nos também
precisamos de
Proteção ...**

O vivido é poesia

Por João Batista Bezerra de Sousa

O teu olhar generoso, é poesia!
O teu sorriso que acolhe, é poesia!
O teu abraço caloroso, é poesia!
O teu entusiasmo, é poesia!
A tua busca constante, é poesia!
A tua alegria, é poesia!

A tua arte de sonhar, é poesia!
A tua arte de viver, é poesia!
A tua arte de amar, é poesia!
A tua arte de aprender, é poesia!
O teu entusiasmo, é poesia!
A tua coragem, é poesia!
A tua ousadia, é poesia!
A tua simplicidade, é poesia!

O teu vivido, é poesia!
A tua presença/ausência, é poesia!
De ter tido você aqui ao nosso lado, é poesia!
Dizer em palavras o que tu representas, é poesia!
Na tua partida da vida, é poesia!
No limiar do ser, é poesia!
Quando não houver mais o que dizer, é contemplação!...



Viagem dos viventes da água

Por Noeme Rocha da Silva

Paz dos seres vivos

Faz tudo nascer e renascer

A água cura e purifica

Renova a música do amanhecer

A canção amazônica do grande ser

Que modifica o pensamento

E cria outro progresso

Cria outro processo de desenvolvimento

Recria todo celeste humano sucesso.

Água da mãe terra

Semente da mais pura evolução

Geração da energia universal

Alma das estrelas de bom coração

Alma da gente bonita do quintal

Água que faz a gente cantar

Vida que faz a gente viajar...



Tempo de Reconciliação

Por Leonilde Maria Sombra de Moreira Fontes

Eu te amo há tanto tempo
Mas, por muito tempo
eu me esqueci deste amor
Me sentindo ferida
Muitas vezes excluída
Por isso me resenti
Me afastei e me puni.
Vivi ausente de mim
Não agi, reagi
Não pensei, nem senti.
Puni a mim
Punindo o tempo
Ou seja, a vida
Numa insanidade sem fim.
Hoje, me vejo em lágrimas
Choro
Pedindo ao tempo, perdão
Pela loucura e o desatino
Rogando reconciliação...
Já não quero deixar de viver
No fluxo amoroso do tempo,
Que, sabiamente, em silêncio,
Vem a tudo resolver...
Segue em paz o seu caminho
Nos esperando sem pretensão
Não nos julga, nem condena
Apenas é generosa Graça em ação!



As palavras em mim

Por Jacqueline Aisenman

Eu poderia engolir as palavras
e não mais dizê-las.
Engolir todas...
e não mais escrevê-las.
Eu poderia fazer secar este mar de palavras
que vive em meus pensamentos...
Poderia tentar ao menos...
para nem mais vê-las!
Eu poderia arrancar do coração estas palavras
deixar o coração vazio para outras coisas
que não fossem palavras...
Mas... e depois?
E depois de engolir, de secar, de arrancar de mim...
o que faria eu sem palavras?
Como viveria a fome das palavras?
Como viveria a seca das palavras?
Como viveria o pedaço de mim sem palavras?
Eu não sei...
Talvez não fale mais todas elas...
talvez escreva todas elas e esconda num canto...
talvez...
Mas sem palavras viver seria um martírio.
Seria me permitir morrer ainda em vida.
Seria viver no vazio de um abismo...
Eu não seria mais a mesma
sem palavras...



SONHO DOCE

Por Eliane Andrade

Adormeci embalada pelo amor
Eram desejos guardados em minha mente
Meus delírios pareciam ser reais
E despertaram em meu sonho de repente

Tu me chamavas de “Vida” e com carinho
Fazias-me muitas juras de amor
Em teus braços quieta como passarinho
Tornei-me a mais bela inspiração de um sonhador.

Tinha a certeza de que seria eterno
Aquele sonho intenso e verdadeiro
Que de encantos e de beleza fora feito
Eu desejava dormir o tempo inteiro.

Mas se de eterno ele era feito
E se dormir eternamente fosse
Eu morreria com prazer e gosto
Envolvida naquele sonho doce.

Por muito tempo permaneci dormindo
Sem querer acordar do sonho lindo
Me destes um beijo apaixonado e longo
E muito feliz eu acordei sorrindo.



PASSAGEM3

Por Emanuel Medeiros Vieira

“Pois bem, quando eu já não estiver, o vento continuará estando”

(Eduardo Galeano)

Sopra o vento,

cai a chuva, escorre o tempo:

anunciam que, provavelmente, terás pouco tempo de vida.

Mas outra vida continuará:

mares, pássaros, meninos na escola.

Sim, Galeano: o vento continuará estando.

Abdicas mentalmente de um tempo cujos valores já não são os teus.

(Não há métrica, rima, mas buscas uma verdade funda.)

A morte na soleira da porta, não te dobrará.

Na memória estarás em algum coração.

Não haverá oblévio.

Não?

O tempo passa por cima de todos nós.

Tentas terminar sofregamente aquele texto.

Mas a quem importará?

Não importa (repito o verbo) a quem valerá.

Não tem valor contábil – há outro, que poucos enxergam.

O vento continuará estando.

(Valeu a pena- vale a pena.)

E uma semente – quem sabe – está sendo irrigada, e

os que chegarem depois da chuva e dos ventos (e de tua passagem) – quem sabe – te (nos) olhem com simpatia (como queria Brecht).



REFLEXÕES CONTEMPORÂNEAS

JÚLIA REGO

Preconceito, ainda!

Ainda que aparentemente incompreensível, o preconceito parece não ter sido extinto na contemporaneidade. Travestido dos mais diversos comportamentos e atitudes, o pré-julgamento incorpora em sua bagagem a discriminação e a exclusão social.

Pelas mais variadas questões históricas, o preconceito tem feito parte da trajetória da humanidade desde sempre. Motivo de guerras as mais sangrentas, genocídios abomináveis e assassinatos os mais pífios, arvora-se em determinar regras baseadas, apenas, na subjetividade.

O fato de se pensar de forma diferente, de se vestir fora dos padrões ditados pela moda, de não se apresentar uma estética corporal dentro dos padrões impostos pela mídia contemporânea e, até mesmo, o fato de se ter crença e orientação sexual diferentes já é motivo para ser olhado de banda. Raça e condição social alheias às de grupos fechados, então, nem pensar!

Contraditoriamente, à medida que a sociedade avança de forma acelerada em termos científicos e tecnológicos, conserva no seu âmago sentimentos de repúdio à diversidade cultural, racial e social do seu semelhante, deixando vir à tona todo um cabedal de reflexões.

Transitando-se por vários meios sociais é possível observar um novo comportamento que consiste em tornar o seu oposto invisível, já

que não se pode discriminá-lo. O diferente não tem rosto, nome ou sobrenome, cor ou condição social, para uns, ele, simplesmente, não existe. Para esses, é preferível não “vê-lo” do que correr o risco de ser tachado como politicamente incorreto numa selva em que não se pode perder o status quo. Ainda pior, pois não se sabe em que ruas perambulam os inimigos. Enquanto a necessidade de se apropriar da essência do seu semelhante for o bem mais precioso para o homem, enquanto não se deixar caírem as máscaras da hipocrisia que vendam olhos, mentes e corações, o preconceito não será extinto da face da terra. Condenar o outro a viver na masmorra fria da exclusão somente porque quaisquer ideologias assim o determinaram é absolutamente inaceitável.



Aprendizagem

Por Felipe Cattapan

Entre a mãe e o mundo
o nascimento
como símbolo do sentido da existência:
uma saída para fora de nós mesmos

Entre o meu filho e a minha mãe
o momento
como lição de sincronicidade

Entre o mundo e os meus livros
algumas flores
um jardim
como o ensinamento da beleza desacelerada
de cada inexatidão dentro da nossa curta duração

E após tanto, tantas e tantos
que de repente para sempre se vão amigos, conhecidos e parentes
morrer é tão fácil uma última correção:
quanto terminar o dever de casa.

(E agora
é hora de sair
posso ir brincar lá fora?)

ESSÊNCIA E ATRIBUTO

Por Fernando Sorrentino

No dia 25 de julho, ao querer pressionar a tecla da letra “A”, notei no meu mindinho da mão esquerda uma leve verruga. No dia 27, me pareceu consideravelmente maior. No dia 3 de agosto, consegui, com a ajuda de uma lupa, identificar sua forma. Era um tipo de um elefantinho, o menor elefante do mundo, sim, mas um elefante autêntico até seu mais ínfimo traço. Estava preso ao meu dedo pela extremidade de sua trombinha. Assim, prisioneiro do meu mindinho, gozava, no entanto, de liberdade de movimentos, exceto que sua locomoção dependia por completo de minha vontade.

Com orgulho, com temor, com dúvidas, exibi-o a meus amigos. Sentiram nojo, disseram que não podia ser bom ter um elefante no mindinho, aconselharam-me a consultar um dermatologista. Ignorei suas palavras, não consultei ninguém, cortei relações com eles, me dediquei por inteiro a estudar a evolução do elefante.

Até o fim de agosto, já era um lindo elefantinho cinza, da altura do meu mindinho, apesar de mais volumoso. Todos os dias eu brincava com ele. Às vezes me comprazia em chateá-lo, em fazer-lhe cócegas, em ensinar-lhe a dar piruetas e a saltar pequeníssimos obstáculos: uma caixinha de fósforos, um apontador, uma borracha.

Nessa época me pareceu oportuno batizá-lo. Pensei em vários nomes bobos e aparentemente dignos de um elefante: Dumbo, Jumbo, Yumbo... Por último, asceticamente, preferi chamá-lo Elefante, sem rodeios.

Eu adorava alimentar Elefante. Espalhava sobre a mesa migalhas de pão, folhas de alface, pedacinhos de grama. E lá longe, na beirada, um pedacinho de

chocolate. Elefante esforçava-se, então, por chegar à sua guloseima. Mas se eu firmava minha mão, ele nunca conseguia alcançá-la. Deste modo, eu confirmava que Elefante era apenas uma parte - e a mais fraca - de mim mesmo.

Pouco tempo depois - digamos, quando Elefante tinha alcançado o tamanho de uma ratazana - eu já não podia governá-lo com tanta facilidade. Meu dedinho era muito magro para resistir a seus ímpetos. Nessa época eu ainda mantinha a idéia errada de que o fenômeno só estava no crescimento de Elefante. Desenganei-me quando Elefante chegou ao tamanho de um cordeiro: nesse dia, eu também estava do tamanho de um cordeiro.

Naquela noite - e muitas outras mais - dormi de bruços com a mão esquerda fora da cama: no chão, ao meu lado, dormia Elefante. Depois tive que dormir - de bruços, minha cabeça em sua garupa, meus pés no seu dorso - sobre Elefante. Quase em seguida, era-me suficiente um fragmento de sua anca. Depois, o rabo. Depois, a pontinha do rabo, onde eu era apenas uma pequena verruga, completamente imperceptível.

E então tive medo de desaparecer, de deixar de ser eu, de ser um simples milímetro no rabo de Elefante. Mas logo perdi esse medo e recobrei o apetite. Aprendi a alimentar-me de migalhinhas perdidas, de alpiste, de restos de alimento, de insetos quase microscópicos.

Claro que isso era antes. Agora volto a ocupar um espaço mais digno no rabo de Elefante. É certo que ainda sou um apêndice. Mas já consigo pegar biscoitos inteiros e contemplar - invisível, inexpugnável - os visitantes do Jardim Zoológico.

A esta altura do processo estou muito otimista: sei que já começou a redução de Elefante. Por isso, inspiram-me um antecipado sentimento de superioridade os despreocupados passantes que nos atiram guloseimas, acreditando apenas no óbvio Elefante que têm diante de si, sem suspeitar que ele é apenas um atributo futuro da latente essência que ainda espregueira, escondida.

Tradução de Ana Flores

[De *En defensa propia*, Buenos Aires, Editorial de Belgrano, 1982]

VIDA e MORTE

Por Gaiô

VIDA e MORTE!

Atípico norte na voz da matéria

Ensaia toda sorte

Que a vida encerra.

VIDA e MORTE!

Atmosfera... Interagem, dialogam

À flor da esperança,

A pele,

Carimbadas **almas** a ferro e fogo

Como cansa!

Paz e inquietude, amor e ódio,

Mortalha e foice na ordem do horror,

Contradança **do medo**

Discerne o espírito fraterno,

Sombra, luz e mistério,

Trama, sangue, sexo eclode,

Tudo convive em tremor

Dia e noite, noite e dia

VIDA e MORTE!

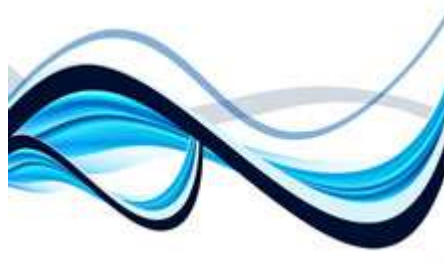
Quase transe,

Harmoniosa consorte,

No caos tudo renasce

Essencial equilíbrio

Nova ordem.



UM OLHAR INESQUECÍVEL

Aos jornalistas e repórteres fotográficos

Por Heloisa Crespo

Vi a morte e não fiz nada!
Vi a vida entre os meus dedos
num trabalho jornalístico.
De que adianta um prêmio
por uma ação que não fiz?
Salvar uma vida ou...
fotografar uma morte?
Que fiz eu? Dever cumprido?
Falou mais alto o trabalho.
Perdi minha humanidade.

Sentada a espera do prêmio,
ante o olhar da plateia
que, sofregamente, aplaudia
as minhas fotografias
em cima do sofrimento,
de uma terrível agonia
da menina indefesa,
numa seqüência de horror.

Não consegui caminhar
para o prêmio receber.
Prêmio de um gesto covarde
como se fora heroína
de uma cena de cinema.
Fugi. Chorei copiosamente.
Senti vergonha de mim.

Se eu pudesse arrancar
da mente aqueles cliques,
registrando, passo a passo,
o susto, o medo e a dor

de um ser tão frágil, tão doce...
Eu não a defendi.
Fotografei para sempre
um corpo caído ao chão,
um olhar inesquecível
de um pedido de socorro
que por ele nada fiz.



ESPAÇO VIRTUAL

Por Hugo Federico Alazraqui

Colhe a coisa concentrada
densa a sente no ser dada
a sua íntima forma de órgão
e a percebe sem percepção

vê as essências que são sendo
com o olhar cego e interior
entende e chora sorrindo
sem imagens, também sem dor

e interpreta o sentimento
razão da desarmonia
e no desejo o defeito

contraí se e dilata ausência
se abre e fecha num lamento
fora e dentro é transparência

O poder e a ilusão das drogas

Por Isabel C. S. Vargas

Antigamente, há cerca de cinquenta anos, estudávamos mais humanismo nas escolas. Estudávamos sociologia, filosofia, noções de espiritualidade em religião, além de um apanhado das religiões em geral. Nas escolas particulares havia o estudo do catolicismo naquelas escolas de orientação religiosa cristã, de várias ordens.

Queiramos ou não, os alunos pensavam, questionavam, buscavam responder aos questionamentos colocados pelas respectivas disciplinas. Queiramos ou não as disciplinas humanísticas proporcionavam mais embasamento aos jovens.

Com o advento da ditadura extirpou-se filosofia, sociologia, que cheguei a estudar no magistério.

Surgiu a tecnologia que é algo absolutamente fungível. O que hoje é moderno, amanhã é obsoleto. A competição tornou-se por demais acirrada. O mundo é essencialmente líquido segundo Bauman nos dias atuais.

O acesso ao ensino superior mudou totalmente. Reformas no ensino básico e no ensino médio. Toda mudança gera insegurança.

Após os anos dourados que tanta nostalgia traz, surgiram os anos de chumbo. Nesse intervalo, o mundo teve a revolução do tropicalismo, do feminismo, da liberdade de Woodstock. Da apologia ao amplo consumo de drogas.

Os jovens perdidos no meio das mudanças, a espiritualidade passando ao largo, os pais em uma via diferente dos filhos, a falta de uma linguagem comum e inteligível que os fizessem compreender-se mutuamente, gerando confusão, fuga da realidade, falta de diálogo até pelo fato dos pais estarem tão alheios às mudanças quanto os jovens.

Nunca o mundo mudou tanto e tão rápido.

A medicina avançou. Criaram-se medicamentos, procedimentos revolucionários capazes de salvar e prolongar a vida.

Paralelo a tudo isso o mundo se torna rápido, cruel, competitivo, exigente.

Como tudo ocorre tão rápido nem os núcleos familiares estão preparados para lidar com as transformações.

Começou, embora com prescrição médica o uso indiscriminado de drogas sintéticas, medicamentos controlados, tarja preta.

É droga para a ansiedade, depressão, doenças psíquicas, drogas para estabilizar os profissionais que lidam com essas categorias de pacientes, e assim sucessivamente.

É droga para a família, pois a doença de um, adoce a família toda. E todos vão sendo subjugados.

A ditadura da beleza que exige que todos sejam esbeltos, lindos, pois obesidade é sinônimo de relaxamento, preguiça para uns e não doença como na realidade é. O mercado de trabalho tem restrições contra os obesos apesar de a lei garantir acesso ao mercado de trabalho, inclusive aos portadores de deficiência.

A pressão torna-se cada vez mais forte, cruel e desumana. E as pessoas não têm esclarecimento nem lucidez para perceber a manipulação, inclusive, midiática acintosa ou subliminar e para suportar ou não sucumbir na baixa autoestima ou depressão passam a se entupir de drogas, legais porque são prescritas em receita, mas carregadas de efeitos colaterais as quais passam a usar muitas vezes com orientação médica e outras até a revelia usando subterfúgios para obter as receitas, conforme vimos muitas vezes denunciadas nos programas televisivos.

Mais do que nunca a família tem que se cercar de cuidados para evitar que seus filhos, adolescentes ou jovens se vejam emboscados neste emaranhado de drogas do qual é difícil de sair pela dependência, ou pela falta de recursos dos familiares, de políticas capaz de dar suporte forte através de medicina pública.

E, finalizando, apesar de tudo, não são só os carentes que se envolvem nisto, há pessoas abastadas, esclarecidas que também se envolvem na dependência destas drogas sintéticas, muitas das quais com aparência lícita, mas viciantes e danosas pelo mau uso ou uso indiscriminado.

DIÁLOGO INTERNO

Por Ivane L. Perotti

- palavras e ondas vêm e vão mas, não retornam
jamais ao mesmo lugar -

**" Ouvi de um coração que nenhuma
forma de solidão assalta aqueles que
não se apoderam dos sentidos alheios -
só existe o 'alheio' entre os sentidos co-
muns a todos nós." Ivane Perotti**

Nas linhas de um rosto correm segredos: sulcos deixados pelo *arado* das histórias vividas de dentro para fora. Rastros de sentimentos que trilham caminhos singulares, ilham os olhos, margeiam a boca e comprimem a pupila da alma exposta.

O rol das partidas engendradas e das chegadas não concluídas talham o rosto humano com sinais e significados de humana contingência; e estulto é aquele que os lê na cartilha da mesmice óbvia. Na superfície de um rosto não jorram simplificadas sintaxes de imediata tradução. O trabalho de leitura exige mais do que a estética decodificação oferecida à sorrelfa pelos alfabetizados em comportamento humano. Antes, há de se graduar em *sentimentos, cumplicidade, bondade, sensibilidade*, cadeiras desfalcadas de método e *práxis* nas academias da vida e não recicláveis nas capacitações ordinárias, rotineiras, diárias. Pena! Pois a graduação de que falo não cobra ingresso, não instaura vestibulares, não examina a proficiência em línguas estrangeiras: apenas e tão somente oferece-se àquele que está *presente* na instância do mundo comum.

Estar presente ... barganha interna que edifica muros de indiferença e insensatez. *Presentificar-se* é uma escolha que exige consciência e esforço, que não comunga com a indiferença, que trava batalhas a favor da indignação, que não acomoda as emoções em espaços pré-moldados por medida de segurança pessoal. *Estar presente* exige trabalho, esforço e empenho espiritual - interno, ou

seja lá o nome que se deseje dar ao que se passa no universo da subjetividade humana - é um caminho de vias interativas, contagiantes, perigosas para quem deseja permanecer empoleirado no meio do caminho: sulcam-se as faces sensíveis e capazes de encarar a leitura de outros faces. Há riscos em *sentir* a história do outro: há riscos de se descobrir o amor e a compaixão simples e sem rótulos.

Ondas e palavras atravessam-nos em praias distintas: as primeiras podem carregar areia na ida e na volta - remanso indecifrável deixa à correnteza a capacidade de descansar enquanto trabalha -, as segundas, encarregam-se de empilhar sentidos e comoções nos rodamosinhos da memória emocional - trabalham em silêncio contínuo e inquestionável. Sentir ondas e palavras exige-nos um mergulho nu: sem equipamento de segurança e sujeitos à pressão que altera o rosto, os olhos, a pele e o sistema circulatório - no centro do coração há uma ilha de nossos naufrágios e um mural para os olhos que não nos permitiram morrer afogados em sentidos alheios: os nossos sentidos alongados.

Nas guerras internas que travamos é o diálogo com os sulcos externados na face da vida que nos permitem respeitar e valorizar a caminhada pessoal: ninguém, absolutamente ninguém pode dizer do outro o que não sentiu antes em si mesmo. E ainda assim, mesmo reconhecendo-se na história alheia, corre-se o risco de alterar a ordem do entendimento.

**" Pobre, infeliz e solitário é
o homem que acredita ter
exatamente o que precisa
ilhado na falsa segurança
de seu egoísmo doente e
pernicioso." Ivane Perotti**



CORAL

Por Jaime Correia

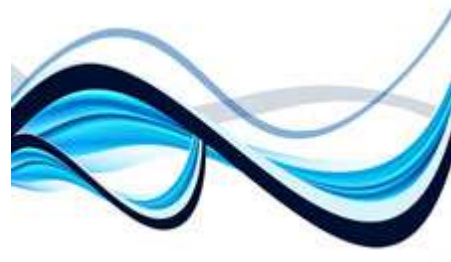
Canta teus versos
Enquanto voz tiveres,
Mas não cantes sozinho,
Canta com as mulheres.

Canta teus versos adolescentes,
Versos da tua infância.
Mas não cantes sozinho,
Canta com os velhos
E as crianças.

Esperança

Por José Carlos Paiva Bruno

Não espero que minha namorada seja feliz o tempo todo,
Espero que ela me compreenda, vice-versa sejamos felizes a maior parte.
Não espero que meus filhos tratem-me como exemplo ideal,
Espero ser tratado em nosso tempo como seu melhor amigo.
Não espero fortuna imediata e fácil advinda de meus esforços,
Espero por esforços ser conduzido à sabedoria e racionalidade.
Não espero dum mendigo comportamento de príncipe,
Espero amenizar sofrimentos e mostrar caminhos além da mendicância.
Não espero da Fé milagre sem mérito,
Espero em meu crédito, acreditar sempre.
Não espero das noites a luz do dia,
Espero em ambas facetas terapia, romances em flores de lua e sol.
Não espero cedo ou tarde, alvorada ou crepúsculo,
Espero sempre Amor maiúsculo.
Não espero a morte,
Espero apenas pelo melhor suave corte, em merecer boa sorte.
Não espero popularidade política em qualquer idade,
Espero utilidade, que minha vida não seja vivida pela metade.
Não espero sempre pelo perdão alheio,
Espero perdoar sempre, crente dum mundo melhor.
Não espero seres humanos perfeitos,
Espero alheio, feitos d'almas evolutivas, girassóis afetivos.
Não espero pelo troco sempre certo,
Espero também por arranjos divinos, mesmos que soam sinos.
Não espero crianças robóticas,
Espero infâncias óticas, acuidades dum saudável crescimento.
Não espero disciplinas exageradas, tampouco vidas militarizadas,
Espero pessoas civilizadas, espíritos amados, virtudes do amanhã.
Não espero chuva ou seca, calor ou frio do deserto,
Espero pelo tempo certo, em muitos tempos divinos.
Não espero vitória sem ética, nem pessoa cética,
Espero melhor momento, até do lamento.
Não espero pelo fim da estrada,
Espero descobrir a rota, melhor destino a toda frota.
Não espero sapatos apertados, mas ruas largas aos pés descalços.
Não espero pelo cinismo, nem rabugices amargas,
Espero pelo convite da vida em doces amoras.
Assim espero, por todos, em todos,
Felicidade sem demoras...



Momentos depressivos

Por José Hilton Rosa

Às vezes não escuto meus gritos
Às vezes não ouço minha voz
Navegando em lágrimas
Às vezes peço justiça às almas
Às vezes choro o leite de minha mãe
Às vezes choro, sempre triste
Às vezes esqueço meu nome
Às vezes esqueço que nasci
Clamo o amor para viver



Herói esquecido

Por Julia Cruz

Levantei de madrugada. Acendi o Fogo para a água esquentar. Passei um café bem forte Tomei e fui trabalhar. O Serviço que faço? Não o faço em qualquer lugar. Trabalho duro, mais com amor, Pois posso me orgulhar, Por que através desse serviço, Fiz economia alimentar, Chegando a cidade que eu moro, A um grande patamar a se levantar, Sendo chamada de “capital da borracha” Com orgulho posso me lembrar. Junto com os madeireiros. A economia aumentando, Chegando a ter sete bancos, E muito dinheiro girando. Gente chegando de todo quanto é lugar, Querendo uma oportunidade De em São José poder trabalhar. Plantei muitas seringueiras. O Numero nem consigo lembrar. A vocês seringueiros amigos, Eu quero hoje parabenizar. Eis um herói invisível Que um dia alguém vai se lembrar de parabéns a todos os seringueiros Felicidade e o que eu posso a vocês desejar.

Ofereço essa dedicatória a todos os Heróis invisíveis na saúde ou na educação; na Justiça ou na administração.

O Tocador

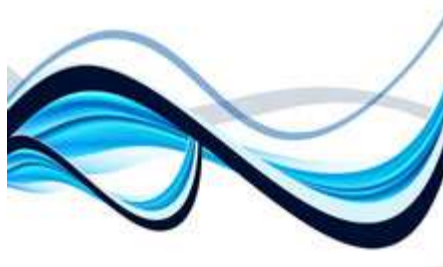
Por Júlia Rego

Era cego. Mas tocava como ninguém. Como ninguém tocara antes.

A monotonia da viagem foi interrompida pelos acordes pungentes da sanfona, levando os passageiros a um mundo longínquo, quando ainda havia tempo para se ouvir música boa e sonhar, mesmo dentro de um ônibus.

Negro, na pele e nos olhos, vestes maltrapilhas, chapéu de couro e uma sanfona, provavelmente seu único tesouro. Este era o personagem mais importante naquele momento. Tocava com uma melancolia que parecia esconder uma forte tristeza interior. Era um grande tocador. Não porque manejava bem aquela sanfona, mas porque manejava bem o estado de espírito das pessoas que, ao ouvi-lo tocar e cantar esqueciam, momentaneamente, as agruras da vida e mergulhavam no som mágico que saía dos seus dedos. A voz lembrava a de outro grande tocador. A música pura, de raízes nordestinas, remexia lembranças, trazia uma nostalgia indizível. Asa Branca era o carro-chefe do repertório.

Coincidência, ou não, parecia com ele. Assim como aquele, não enxergava, porém, neste caso, a cegueira era total. Bobagem. Via com os olhos da alma. Sabia exatamente como iluminar o dia daquelas pessoas. Ou não sabia. Talvez estivesse ali fazendo o que sempre soubera fazer a vida toda, em troca de algumas moedas. Não importa, a verdade é que depois que ele se foi, o ônibus ficou impregnado de humanidade...



LENDO ESCRITORES PORTUGUESES NO BRASIL

Por Luiz Carlos Amorim

Até pouco tempo atrás, eu só havia lido os autores portugueses mais populares, mas conhecidos de nós, brasileiros: Fernando Pessoa, Saramago e Camões. Pois estive algumas vezes em Portugal e lá encontrei livros de outros autores da terrinha maravilhosa, na casa da minha filha Daniela e de Pierre Aderne, o cantor-compositor-escritor-produtor-apresentador.

Encantei-me com Miguel Torga, ao ler pequenos trechos de um grande livro antigo dele ou sobre ele, na Quinta do Crasto, no Douro, em um jantar que nos fora oferecido lá.

Depois disso, ganhei alguns livros, outros comprei e comecei a ler escritores portugueses contemporâneos, como o Torga, José Luís Peixoto, Gonçalo M. Tavares e Walter Hugo Mãe, angolano que vive em Portugal. E que mergulho agradável nas letras portuguesas atuais, embora os autores conhecidos ainda sejam poucos e eu tenha lido apenas um livro de cada um deles, por enquanto.

Os livros, como já disse, foram comprados em Lisboa, foram publicados lá, conseqüentemente estão na língua portuguesa praticada em Portugal. Sabemos que a unificação do português, falado em vários países, não será uma realidade nem a curto nem a longo prazo, por mais que queiram alguns, mas as palavras desconhecidas que encontrei nos livros que li não dificultaram a compreensão ou a recriação das belas obras.

De José Luís Peixoto, li “Dentro do Segredo”, uma viagem na Coreia do Norte. Num tom quase coloquial, o autor nos dá a oportunidade de conhecer um país tão fechado para o resto do mundo como aquele. Em seguida, com certeza, vou ler a prosa de ficção e a poesia do escritor.

“Novos Contos da Montanha” é o livro que li de Miguel Torga. Trata-se de um painel das almas da serra portuguesa, como o próprio autor diz. Que magnífico contador de histórias! Quanta singeleza, quanto lirismo, quanto conteúdo, quanta criatividade, nos contos desse grande escritor. Ele me lembrou um pouco o nosso querido Júlio de Queiroz, pois muitos de seus contos chegam ao desfecho com revelações impressionantes, surpreendendo sempre, nunca sendo óbvio.

De todos que li, Gonçalo foi o mais singular, um pouco difícil de digerir, mas sempre interessante. Preciso ler mais da obra dele.

E Walter Hugo Mãe, o angolano-português, também me impressionou, não só pelo domínio sereno e tranquilo da língua-mãe, mas pelo fôlego e pela excelência de sua criação, pela sensibilidade e profunda percepção do ser humano. Li “A Máquina de fazer Espanhóis”, o quarto e último volume da sua tetralogia que mostra o tempo da uma vida humana, desde a infância até a velhice. É claro que vou ler os primeiros três romances, até já os comprei. Estou lendo, também, Fernando Namora. E estou gostando.

Então se a literatura brasileira é boa, tem grandes autores, não é por acaso. É porque a literatura portuguesa é riquíssima em conteúdo, em estilo, em qualidade. Então os grandes escritores brasileiros têm a quem puxar.

Eternizar

Por Ly Sabas

À um ser especial, mescla de anjo e amigo.

Quando chegar a hora de caminhar
por entre as flores amarelas
do meu jardim celeste,
quero levar entre as mãos
um livro revestido de certezas.
Quando encontrar meu Amigo,
com seu sorriso travesso de moleque,
esperando-me à porta de nosso palacete,
direi apenas - trouxe mais um para a biblioteca.
E ele saberá que ali estou eu – inteira.
Mágoas e tristezas perdidas em livros passados,
lado a lado enfileirados na estante,
em meu quarto do palacete etéreo,
edificado por seu amor,
no jardim da eternidade.





DICAS DE PORTUGUÊS
COM
Renata Carone Sborgia

“... não basta me completar, querido. Tem que transbordar.”

Renata Carone Sborgia- Livro: Trechos Tecidos com Palavras...

Sentimentos... Afins... Sem Fim... Madras Editora

Incorreto: Previlégio

Pedro entregou o currículo “**em mão**”.

Entregou corretamente!!!

Maria queria “**advinhar**” o que estava dentro daquela caixa!!!

Obs.: Atualmente, alguns dicionários aceitam as duas formas.

...com o erro de grafia, dificilmente, **adivinhará!!!**

Isto é, tanto no singular quanto no plural.

Ex.: Entregou a carta **em mão**.

Entregou a carta **em mãos**.

O correto é : **adivinhar**

A expressão é usada para indicar que a carta ou outro documento enviado a alguém é, ou deve ser, entregue ao destinatário por um mensageiro particular e não através do correio.

Sobre pronúncia das palavras...

Ortoépia: trata da pronúncia correta das palavras.

Cacoépia: trata da pronúncia incorreta das palavras.

PARA VOCÊ PENSAR:

Exemplos: **Correto:** Advogado

Incorreto: Adevogado

“Sempre que houver silêncio à sua volta, ouça-o.

Isso significa apenas percebê-lo.

Correto: Empecilho

Incorreto: Impecilho

Ouvir o silêncio desperta a dimensão de calma que já existe dentro de você, porque é só através da calma que se pode perceber o silêncio.

Nesses momentos você se liberta de milhares de anos de condicionamento humano coletivo”

Eckhart Tolle

Correto: Privilégio

Mar Revolto

Por Mara Carvalho Leite

Quando o clarão da lua cheia
Reflete no mar profundo

Um mar revolto de emoções
Toma conta da minha alma

São marolas e marolinhas
Ondas grandes e gigantes

Até mesmo tsunamis...

Quem me dera ser agora
Um navegante errante

A navegar sem rumo
Neste teu mar revolto...



Rompendo grilhões

Por Maria Delboni

Por muito tempo a educação brasileira esteve nas mãos do homens e também concentrada neles. No começo foi conduzida pelos Jesuítas que cuidavam de evangelizar: a catequese envolvia não só os índios mas também os brancos e tinha como objetivo formar cidadãos e atender aos objetivos econômicos- pedagógicos de Portugal. (Ramalho, 1976,). Quando se pensava em cidadãos, se pensava no homem – o homem para o trabalho, para a vida pública ou para o poder social. As mulheres deviam permanecer em casa, servir a seus maridos, brilhar nas festas, ter seus filhos, amamentá-los, e educá-los para serem cidadãos. Em certas famílias as filhas eram educadas de acordo com o modelo europeu – tinham uma preceptora que lhes ensinavam a ler e a escrever; cantar e tocar um instrumento musical, e claro sem se olvidar dos atributos femininos de ser uma boa dona de casa: aprender a costura, o bordado, a cozinha e a arte de ser uma dama para entreter seu marido e convidados.

A visão católica e a ética ocupada com a preservação da família aliada ao desejo de mostrar a supremacia masculina, colocavam o conhecimento feminino em desvantagem. Pode-se considerar que o desuso do cérebro da mulher, condenado pela sociedade que lhe negava a educação que era dada aos homens, foi o principal responsável no desenvolvimento do conhecimento feminino.

Depois da chegada da Família Real e sua Corte no Brasil em 1807 algumas mudanças ocorreram nos costumes, e a mulher antes segregada ao ambiente familiar, teve condições de frequentar teatros, igrejas, festas, mas sua instrução seguia igual.

Em 1885 chegaram ao Brasil as irmãs dominica-

nas que fundaram uma escola para meninas em Uberaba, Minas Gerais. Esta escola tinha uma finalidade cristã moralizadora, focalizada no universo feminino – as mulheres iam à escola.

A novidade era apenas a formalização de um lugar para o ensino, pois este seguia igual – o currículo consistia em matérias de formação para o lar: ler, escrever, o catecismo, música e prendas domésticas.

O costume nessa época, como alternativa para a educação, era copiar o modelo europeu – o internato. Seja pelo fato de livrar-se dos filhos ou de sua educação, eles eram mandados aos internatos. Em Minas Gerais se destaca nessa época, o internato de Mariana e no Rio de Janeiro o de Macaúbas, ambos voltados para a formação da boa filha de família, para torná-las esposas e mães.

Este tipo de educação foi criticado por Raul Pompéia em “O Ateneu”(1888) que mostra sua indignação, ateando fogo na instituição, após mostrar em sua trama, a representação dos problemas da sociedade.

Contudo nessa época, as escolas públicas, católicas ou laicas ofereceram possibilidades para as mulheres buscarem seu espaço na sociedade. A primeira profissão foi o magistério. À princípio muitos homens, pais e maridos eram contra – magistério deveria atender a uma classe social menos privilegiada, deveria ser portanto, para “solteironas” que não conseguiam arrumar marido.

Não obstante a escassa atenção dada à educação feminina, as mulheres motivadas pelo movimento europeu resultante de transformações econômicas e socialistas, começam a se insurgirem contra a submissão e surge nessa época nomes femininos no campo literário, muitos deles hoje relegados ao ostracismo, esquecidos e (Segue...)

pouco conhecidos como por exemplo: Rita Joana de Sousa, Ângela do Amaral Rangel, Barbara Heliodora, Maria Josefa Barreto, Adelaide de Castro Guimarães, Corina Coroaci, Ana Ribeiro de Góis Bittencourt, entre outras.

A literatura feminina dessa época retrata o espírito de luta pelo espaço feminino. O poder da igreja ainda era muito forte, a ética moral seguia colocando a mulher em seu papel de mãe e esposa, no entanto quer seja pelo contato com escritores brasileiros quer pela leitura de livros clássicos ou clandestinos como por exemplo ‘Thérèse Philosophe’ que foi escrito por um homem, mas fala da sensibilidade feminina da mulher que não devia se sujeitar aos prazeres e desejos dos homens, que critica e rechaça o papel da esposa submissa, da respeitosa dona de casa, e que ao mostrar uma quebra no conformismo social e no papel destinado à mulher na sociedade, mostra o comportamento de uma nova mulher, dona de seus desejos e ações; leituras que possibilitaram, quem sabe, o fato de muitas mulheres estarem disposta a dizer “não”, a questionarem e a aceitarem as críticas e as consequências de suas ações.

E essas escritoras ao contrario dos homens que nessa época do estilo “Romantismo”, no Brasil, onde imperava um subjetivismo nacionalista que se voltava para a terra, para enaltecer suas coisas, os índios e as riquezas brasileiras, essas escritoras abrem uma luta feérica contra os padrões vigentes, denunciando e questionando a posição feminina.

Marilene Felinto na revista Marie Claire de maio de 2000 fala dessas mulheres brasileiras que copiaram as europeias porém foram além, não se escondendo sob um nome masculino como fez Aurore-Lucie Dudevant que assinava seus trabalhos como George Sand, não, elas escreveram e assinaram, criaram periódicos, escolas, publicaram livros. Ma-

riane cita a periodista Alexandrina da Silva Couto dos Santos que era bilíngue português e francês, humorista escrevia versos usando o humor e trocadilhos em uma linguagem e contextos puramente masculinos, como

“On s’ enlace

Puis un jour

On s’en lasse;

C’est l’amour. (a gente se enlaça , depois um dia a gente se enfada, é o amor).

O direito aos prazeres e a denuncia dos maus tratos dispensados às mulheres está presente na obra de Benedita Câmara Bormann que escrevia sob o pseudônimo “Delia”. Em 1853 ela publicou o romance “Lésbia” onde relata a história de uma escritora que se separa do marido porque este não aceitava sua superioridade intelectual e fazia pouco de suas ideias. Benedita questionava o casamento dizendo que ele era o local de anulação do corpo e da mente, assim como denunciava o poder dos homens sobre as mulheres, utilizando para isto personagens que buscavam sua independência intelectual, financeira e sexual em uma sociedade que ela julgava hipócrita.

Às vezes algumas copiavam os poetas masculinos da época como Maria Firmina dos Reis que publica “Úrsula” romance abolicionista escrito nos moldes de Castro Alves, ou Alexandrina Silva Couto dos Santos que se aproveita do “mal do século” e copia o poeta Augusto dos Anjos.

Algumas conseguiram ser aceitas ou mesmo elogiadas como Adélia Fonseca que expressa a verdadeira individualidade feminina e não essa pompa sem naturalidade, essa falsa imitação da modalidade masculina que algumas escritoras procuram fazer para mostrar seus talentos. (Segue...)

A lista de escritoras é grande, todas com sua marca revolucionária – Idelfonsa L. Cesar foi a primeira poetisa a falar do erótico e do prazer sexual, Rita Barén se atreve a denunciar o matrimônio onde a mulher é produto de negociatas e o prazer um direito masculino – apenas deles. O foco era sempre a denuncia feminina dos fatos relativos ao casamento e à sociedade.

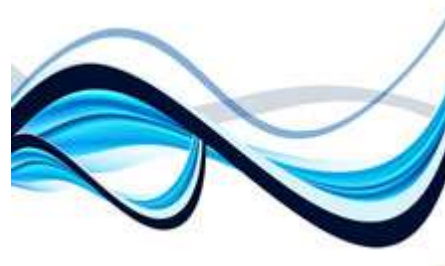
Assim, que o surgimento de muitas escritoras se dá no Brasil a partir do século XIX, em um contexto de câmbios econômicos. Depois da proclamação da República aparecem mulheres que elevaram a voz, que lutaram e viveram de acordo com suas convicções numa leitura de um mundo melhor para as mulheres. Mulheres que enfrentaram preconceitos e injúrias, mas não se deixaram abater, são nomes que tiveram força e que ainda hoje são citados, como Cecília Meireles, Chiquinha Gonzaga e Raquel de Queiroz.

Hoje as mulheres com seus direitos e o poder de programar o futuro que cada uma pode sonhar, querer e buscar, é resultado dos feitos das mulheres do passado, de suas lutas e inconformismo, por haverem sempre buscado uma janela onde não encontraram portas, por haverem aprendido o valor do “não” e em qualquer situação e ter seguido em frente.

A sociedade muda quando há discórdia, quando uma pessoa ou grupo decide que é tempo de luta e de mudança. Os fatos, em especial os sociais, não nascem espontaneamente, eles são frutos de causas diretas geradoras, que atuam nos pensamentos e ações dos indivíduos. Clarissa Pínkola Estés em seu livro “Mulheres que correm com os lobos” diz muito bem quem são estas mulheres que promovem as mudanças. Pode ser que as escritoras do passado tenham sido como o patinho no conto “O patinho feio” de Clarissa, que depois de terem sido critica-

das e rechaçadas saíram para buscar o seu bando (seu grupo de escritores) e por isso marcaram seu lugar no mundo. Como Clarissa disse, elas foram “embriões equivocados”, que haviam caído por acaso e no século errado, em um contexto errado, ou por outro lado, em outra visão estavam sim, no tempo e lugar certo, para poder abrir caminhos e preparar o futuro para outras mulheres, para que elas pudessem ter uma sociedade mais justa, que tivessem direito ao voto, ao trabalho, a escolha do marido e pudessem obter o divórcio conservando seus direitos, seus filhos e patrimônio. Ratificando com a fala de Clarissa.

“A principal característica da natureza selvagem da mulher é a persistência, a perseverança. Isto não é algo para ser feito, é inato e natural. Quando não podemos brilhar seguimos em frente, até que possamos [...] A natureza selvagem não é natural de nenhum grupo específico. Ela é a natureza das mulheres de Daomé, dos Camarões, e de Nova Guiné. Ela está nas mulheres da Letônia, dos Países Baixos e de Serra Leoa. Ela está no íntimo das mulheres da Guatemala, do Haiti e da Polinésia. Todas as mulheres têm isto em comum: a mulher selvagem, a alma selvagem [...] as mulheres desenharão portas onde não tenha nenhuma e elas as abrirão e passarão por elas para novos caminhos e novas vidas. Como a natureza selvagem persiste e triunfa, as mulheres persistem e triunfam” (Clarissa p 142).



A menina feliz

Por Maria (Nilza) de Campos Lepre

Durante minha adolescência tive o privilégio de conhecer uma menina, que talvez tenha sido a pessoa mais feliz que jamais vi em minha vida. Vou apelida-la de Maria, apesar de ter outro nome. Os pais eram espanhóis vindos de região próxima a Barcelona.

Era uma menina de rara beleza. Cabelos negros como a noite; ondulados, e caíam pelos ombros e costas emoldurando um lindo rosto de pele clara e lindos olhos negros que pareciam faiscar de tanta alegria contida neles. Seus lábios muito vermelhos e bem feitos estavam sempre prontos a se abrirem num sorriso lindo, e maravilhoso!

Olhando para aquela bela figurinha e aparentemente perfeita, pensava em como Deus era generoso quando escolhia uma pessoa para colocar o seu dom de escultor em ação. Mas, se engana quem pensa que tudo eram flores na vida desta linda criança.

Ao nascer, alguma coisa aconteceu de errado e ela ficou algum tempo sem respirar. Já estavam acreditando em sua morte quando de repente ela se mexeu e começou aos poucos a soltar fracos vagidos. Foi uma correria de médicos e enfermeiras para que conseguissem reanima-la.

Devido a este problema, ficou com uma deficiência mental. Era uma criança aparentemente igual a tantas outras, mas, não conseguia acompanhar o desenvolvimento delas em salas de aula. Aprendeu a ler e escrever perfeitamente, mas quando se

tratava de fazer cálculos não conseguia nenhum sucesso. Tinha também dificuldades de memorização, por esse motivo não era boa aluna em história e geografia.

Seus colegas começaram a chama-la por vários apelidos, mas logo se cansaram, pois a linda criança se divertia com a nova forma como era tratada. A cada novo nome ela saía correndo pelo pátio da escola gritando: - Todos me amam, vejam o novo nome que me deram! E repetia o novo apelido como se fosse a coisa mais linda do mundo. Desta forma ninguém mais se habilitava a dar novos apelidos a ela.

Foi assim que esta a linda menina cresceu sempre carregando a sua volta energias positivas, e um clima de alegria e felicidade, iluminando a todos que dela se aproximavam.

Essa figurinha singela ficou resplandecendo dentro de mim, até que hoje não sei por que veio a tona.

Bateu-me uma vontade enorme de saber o que foi feito desta pessoinha que só derramava felicidade por onde passava. Espero que tenha encontrado a sua própria felicidade.

Obrigado Maria por ter permitido, mesmo que por pouco tempo, participar de sua vida.



UTOPIA

Por Maria socorro de Sousa

Não importa Quanto ritmo
Naveguei ... Um Passo Para te encontrar
O Mais tocante de Todos os Sonhos
Neste revoar de Tantas sinfonias
Eu te amei loucamente
Não importa uma utopia
Naveguei ... Um Passo Para te amar
Em plena luz de felicidade
O sonho mais lindo
Que permanece Em Mim
Não importa o fio de saudade
Naveguei ... Um Passo, um Passo Só
Na Essência Que Brilha o amor
A minha alma inquieta grita
Na solidão ao cair da Tarde
Naveguei ... Eu te amei
Não importa Quanto ritmo

Inicia mais uma semana

Por Marilina Baccarat de Almeida Leão

Sinto-me como se estivesse caminhando por entre lírios, íris, glicínias lilases, rumo ao caminho das minhas lembranças... Sentindo um aroma de mel, abelhas voando, levando, nas suas asas translúcidas, perfumes, cheiros, aromas dessa doce manhã, que dá início a uma nova semana...

Preparei tela, cavalete, pincéis, aquarela... Mas, a magnífica alvorada trazia pinceladas rápidas, com gotas de tintas, que a natureza pintou, antes de mim.

A tela da vida, que eu via, ali, era pura ma-gia! Amanhecia, no meu jardim, dando um colorido todo especial... As flores balançavam com o vento e eu me sentia como uma menina, estragando o jar-dim, arrancando as flores, que davam cor e beleza ao jardim...

Eu era uma criança e não sabia o valor e o en-canto, que há em um jardim, vivia estragando as flo-res... À véspera do início da semana, pensávamos que poderíamos colher todas as flores, até que a repreen-são da mãe vinha: - Flor é para enfeitar o jardim e não para ser arrancada...

As flores devem ter uma constituição entre elas, pois não é possível existir tanta beleza em um jardim florido!

Flores, com espinhos, não deveriam se misturar, pois, uma hora, as melífluas iriam se ferir... A rainha de todas elas, que é a rosa, certamente, acabaria por machucar as outras coitadas...

E, assim, me senti como uma menina, que gos-tava de estragar o jardim da mãe, sem saber que aqui-lo não era correto. Arrancava uma margarida e esfa-relava o miolo dela e espalhava pelo jardim, adorava fazer isso.

Depois de alguns dias, lá estavam as margaridas brotando e enfeitando o jardim. Não deixava nem uma margarida com o miolo, coitada, pois dizem que as flores, também, sentem dores... E, assim, sentindo dores ou não, se curavam e logo estavam lindas e formosas. Um verdadeiro milagre!

Continuei nas viagens por minhas lembranças e veio-me, à mente, a vida dos giras-sóis... Como era interessante, poder acompanhá-los, no percurso, que eles faziam, acompanhando o sol...

Em minhas lembranças, sinto-me como uma menina, que adorava o amanhecer, estando no jar-dim, observando as flores...

O sol começava a despontar e parecia que as flores tinham luz própria... Quando a noite chegava, vinha o sereno e elas brilhavam, também, mas, sem aquele brilho do sol, que lhes dava luz própria...

E eu, continuando a caminhar pelas minhas lembranças, relembro de um passado, que está bem distante, mas, dentro de minha memória, é como se estivesse no presente, colhendo flores e desprezando os espinhos.

Banco da praça

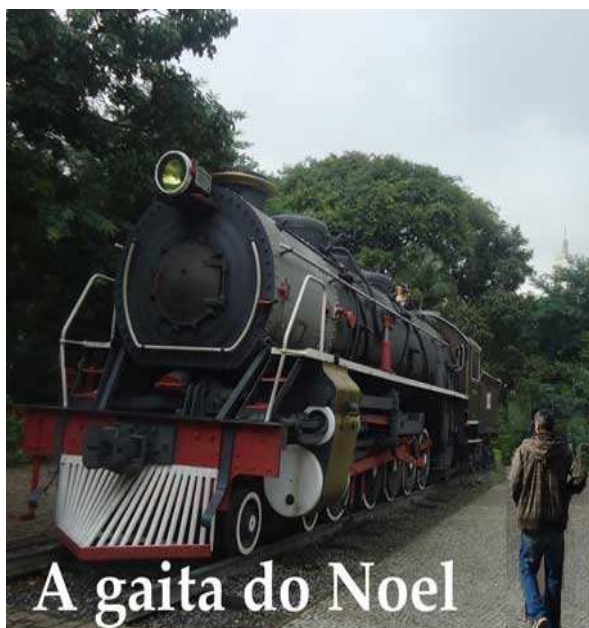
Por Marilu F Queiroz

O homem sentou-se no banco da praça para admirar os pássaros que cantavam numa árvore próxima. Olhava para cima absorto em seus pensamentos quando sentiu um leve desconforto nos pés. Era uma coisa estranha que teimava em umedecer e infiltrar em seus sapatos. Assustado virou-se para ver o que estava acontecendo e viu um enorme cachorro preto e peludo. Olhou melhor para o bicho analisando aqueles olhos que o fitavam displicentes como se fora a coisa mais natural do mundo fazer os seus sapatos de banheiro.

O cão tinha uma enorme mancha branca no peito que mais parecia um babador e suas orelhas lembravam um cabelo cortado ao estilo Chanel, de tão compridas e arredondadas. Seu corpo roliço era coberto por pelos longos, que quando se chacoalhavam iam para lá e para cá, como naqueles anúncios de shampoo, de tão sedosos.

Enquanto o cão o olhava atentamente com seus grandes olhos negros, ele pensou no que fazer mediante tal situação. Sair correndo e assustar o bicho? Não parecia ser a melhor resolução e indeciso resolveu continuar onde estava. Afinal, já não tinha mais jeito e o canto dos pássaros estava bom demais, para se preocupar com pés molhados.





A gaita do Noel

**Por Marina Moreno Leite
Gentile**

Era uma vez um rapaz que desejava ir até Manaus, de bicicleta, partindo de São Paulo. A família ficou assustada com o sonho do jovem, mas não poderia impedir que ele concretizasse seu sonho. E assim aconteceu. Certo dia ele juntou algumas coisas na mochila, preparou sua bicicleta, juntou uns trocados e partiu.

De Santo Amaro ele atingiu a marginal Tietê, depois a Via Anhanguera. Era uma viagem solitária, muitas pedaladas, vislumbrando a paisagem, o frescor do vento, vivendo o sonho de aventura. Dormiu em lugares estranhos, mas para ele era plenamente normal. Qualquer canto era um bom local para parar, quando necessitava descansar. Tudo ia bem até que sua bicicleta apresentou um problema sério. Estava um pouco além de Campinas-SP, não tinha dinheiro para substituir uma peça importante, por isto preferiu vendê-la e seguir sua trajetória de carona.

O primeiro caminhoneiro que o ajudou estava seguindo para o sul de Minas Gerais. Ele não planejara ir até aquela cidade, tornou-se uma aventura sem escolha de rota. Além da gentil carona, ganhou uma deliciosa refeição, feita

no próprio caminhão. Também ganhou café e pão com margarina. O motorista ficara feliz com o acompanhante, pois achava triste viajar sozinho. Dissera ao Noel que gostara dele, poderia ser seu filho, havia semelhança entre eles.

Chegando à cidade Noel agradeceu a carona e seguiu a aventura. Alterara seus planos, pois agora estava sem bicicleta, com pouco dinheiro. Já que não podia ir a Manaus, conheceria a capital do Brasil. Da cidade onde estava conseguiu outra carona até uma cidade onde havia linha de trem. Chegando lá soube que o trem para Montes Claros sairia somente pela manhã.

Na estação havia outros mochileiros como ele e um rapaz que nem mochila tinha, o qual foi apelidado pelo grupo de “Sem Nome”. O pessoal achou estranho o rapaz não querer identificar-se, poderia ter mentido, arranjado um nome fictício, mas ele nem se esforçou. Como havia coisa mais séria para pensar, não se importaram com isto.

A temperatura estava diminuindo, não seria fácil passar a noite ali. Então eles se cotizaram, foram até um boteco próximo e compraram uma bebida para esquentar. Formou-se um grupo animado. O “Sem Nome” não ajudou a pagar, mas também não bebeu. Noel apenas experimentou, os demais consumiram toda a bebida. Cada um contava algo, trocavam experiências, falavam de suas vidas, projetos, riram bastante até o sono chegar.

O pessoal que bebeu adormeceu rapidamente, mas Noel ficou acordado por um bom tempo, até que o cansaço o dominou. Ainda estava escuro, muito frio, Noel acordou antes dos demais. Foi então que percebeu a falta de um deles, o “Sem Nome”. Achou estranho. Quando se virou para retirar algo de sua mochila notou que ela não estava ali. Imediatamente percebeu o que acontecera. O “Sem Nome” deixou todos beberem à vontade, para que ao adormecerem fosse mais fácil praticar o furto. A vítima tinha sido ele, pois os outros dormiram fazendo suas mochilas de travesseiro. A mochila de Noel ficara solta! Então Noel gritou:

- Este safado não podia me roubar assim. Agora ele verá o que é alguém com rai-va.

(Segue...)



LUPA CULTURAL

Por Rogério Araújo

(Rofa)

A gata que lia um livro

Estava numa loja tirando algumas cópias de meus documentos e ao seu lado tem uma Loteria, onde estava lotada de gente que nem sempre está ali para fazer sua *fezinha* no jogo, mas também pagando contas como bons pagadores que as pessoas com menos recursos no Brasil costumam ser.

Observei aquela fica e as expressões das pessoas quando de repente me deparei com uma gata, quer dizer, uma adolescente fazendo algo totalmente inesperado em tempos de celulares, smartphones, WattsApp que dominam e viciam a todos em pleno meio da rua: ela estava lendo um livro.

Não reparei bem o seu título, mas deu para ver que era bem grosso de páginas e quase certo que fosse um romance. Nessa época da vida, muito normal esse tipo de literatura com grandes emoções nas histórias e no coração.

O que mais importa aqui não é se a literatura é boa ou ruim, mas que ela estava lendo, assim como milhares ou milhões de adolescentes pelo Brasil agora e até mesmo no mundo, o que aumenta vocabulário e visão da vida. Ainda mais nessa idade.

E a gata estava vidrada no que lia, sentada nas palavras que eram lidas pelos olhos, decodificadas pela mente e emocionando o coração. Após muitas páginas lidas, veio a parte mais engraçada: ela foi guardar o livro e quase que sua bolsa bem pequena não cabia. Mas lá estava ela feliz a da vida porque saciou sua sede de leitura em pleno local nada comum para isso.

Quantos outros adolescentes já se deliciaram em toda parte da Terra com histórias de ficção com a saga Harry Potter onde aguardam ansiosas o lançamento de cada edição e devoravam todas as páginas em dias ou até em horas. A sua importância dessa leitura é tanta que ao assistirem a mesma história condensada nas telas do cinema, eles puderam ver o quanto é mais emocionante o livro.

Lembro que quando li o *best seller* de Dan Brown, "O Código da Vinci", ocorreu um fato muito curioso. Eu havia iniciado sua leitura alguns meses antes do lançamento nos cinemas. Ao saber que seria lançado em determinado mês, simplesmente corri e terminei a sua leitura para que depois pudesse ler e comparar os dois: o livro e o filme.

(Segue)

A análise foi a esperada: a história do Terra, conhecendo pessoas e lugares mes-livro muito mais emocionante. A do filme foi mo que não pessoalmente, mas de uma for-boa, mas muito reduzida e “rejeitada” pela ma bem profunda.

[Albert Einstein](#) disse algo muito verdadei-ro a respeito desse assunto: “A leitura após certa idade distrai excessivamente o espírito humano das suas reflexões criado-ras. Todo o homem que lê demais e usa o cérebro de menos adquire a preguiça de pensar”. E não é mesmo? Pensar e ver o que se passa ao seu redor bem diferente.

O grande poeta [Mario Quintana](#) poeti-zou: “Pegue sua xícara e leia a vontade: Um bom poema é aquele que nos dá a impres-são de que está lendo a gente ... e não a gente a ele”. Maravilha isso! Vamos ler e se emocionar cada vez mais!

A amiga e colega escritora [Merari Ta-vares](#) disse sobre o assunto que “A leitura de um bom livro nos proporciona viajar e co-nhecer o outro lado do mundo”. É que via-gem maravilhosa!!!

Uma frase anônima disse que com grande sabedoria: “...Ler é Bom! mas,... Ex-celente É... Ter Lido...”. Um livro cheio de li-vros empoeirados e fechados não têm vida. Já quando são abertos e lidos ganham vida e mostram grandes lições e aquecem os cora-ções.

E ainda sobre o assunto, eu tenho um pensamento escrito a respeito: “Quem lê um livro viaja por todos os mundos a bordo de um único meio de transporte: a imaginação”. E não mesmo? Quem lê, deixa sua mente fluir e viajar nos locais mais longínquos da

Lembro mais uma vez de minha leitura do lro “O Código da Vinci”. Ali, o autor narra de forma minuciosa as ruas, os museus, de cidades como Londres e Paris, dando a sen-sação que quem lê, esteve lá. E que viagem!

Então, com tudo isso de bom que a leitura faz, não seria bom que mais e mais pessoas pudessem ler a vontade? Por isso que acho fantástico os projetos de arrecada-ção e distribuição de livros a pessoas que não podem comprar e são imedidos dos grandes benefícios que a leitura proporciona.

Vamos viajar mais, lendo cada vez mais!

Um forte abraço do Rofa!



* Escritor, jornalista, autor do lançamento e livro-duplo “O super-herói do Natal” e “Presentão do Na-tal”, para o público infanto-juvenil, ilustrado e colori-do, de “Crônicas, poesias e contos que u te con-to...” (Literarte), lançado na 23ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, em 2014 e de “Mídia, bênção ou maldição?” (Quártica Premium, 2011); colunista do “Jornal Sem Fronteiras”; participações em diversas antologias no Brasil e exterior; vencedor de prêmios literários e culturais; membro de várias academias literárias brasileiras e mundiais.

O que achou da coluna “Lupa Cultural” e deste texto? Contato: rofa.escritor@gmail.com

Noel estava apenas com a roupa do corpo, sem documentos, sem dinheiro, sem nada. Estava descontrolado, nervoso, acordou todo mundo. O pessoal ficou impressionado, cada um falando uma coisa. Então o Noel percebeu que um trem de carga estava se aproximando. Ele foi ágil, perguntou se alguém tinha uma faca, um canivete, qualquer coisa. Um deles deu uma faca para o Noel e ele correu em direção ao trem de carga, pulou em um dos vagões, seguindo rumo a Montes Claros. Ninguém do grupo acreditava que o furtado pudesse reaver sua mochila, ninguém o acompanhou.

Noel tinha plena certeza que encontraria o safado, calculara que ele estaria andando pela estrada que margeava a linha de trem. Então depois de alguns minutos em cima do vagão, achou que seria o momento de pular e caminhar sentido contrário, na tentativa de encontrar o safado .

Pulou, se arranhou, mas a raiva que estava era a sua energia propulsora. Ficou alguns segundos deitado, em seguida levantou-se, dando início a sua caminhada. A madrugada estava fria, os dormentes molhados, a neblina dificultava a visão. Ainda assim, estava certo que algo aconteceria a seu favor.

..

De repente Noel escutou um som de gaita. Era a sua gaita, que estava na mochila. Percebera que estava perto do safado. Então saiu da linha de trem e foi para a estradinha de chão, ao lado. Ficou a espreita na curva enquanto escutava o som da gaita se aproximando, o som indicando que estava bem próximo. Não demorou muito e avistou o “Sem Nome”, caminhando tranquilamente, tocando a gaita furtada. Assim que o fulano ficou bem perto, Noel deu um salto em cima dele, apontando a faca e o xingando. O “Sem Nome” deu um salto, um gritão, jogou a mochila e a gaita no chão e saiu correndo, como um leopardo. Noel nunca usara uma faca a não ser nas condições normais, mas só de apontá-la ao sujeito foi o suficiente para assustá-lo. Ninguém saiu ferido, felizmente.

Noel então caminhou pela estrada até chegar à próxima cidade. Na cidadezinha felizmente conseguiu outra carona. E finalmente chegou a Montes Claros, na Estação de Trem, onde parte dos mochileiros ainda estava, aguardando outro trem. Todos ficaram felizes, festejaram a chegada do Noel, o trataram como se fosse o maior valente do pedaço.

Esta foi uma das histórias do Noel Moreno Leite, meu irmão. Toda vez que repetia a história conseguíamos rir, sem parar, pelo jeito engraçado que narrava.

Saudades meu irmão. Sinto saudades de você, de suas histórias. Infelizmente ele foi atingido fatalmente ao praticar o esporte que amava. Nada aconteceu com a bike, só com ele.



**PARTICIPE DA EDIÇÃO
DE SETEMBRO DA
NOSSA REVISTA!**

**O TEMA SERÁ:
SONHOS E FANTASIAS!**

**Envie seu texto para:
varaldobrasil@gmail.com**

A VIDA É COMO UM CIRCO

Por Mário Rezende

Cai o pano e começa o espetáculo.
A vida é assim, como um circo.
Tem gente que vive no pico,
tem gente que vive na lona.
A gente corre riscos buscando o sucesso.
Momentos de risos, instantes de glória;
sentimentos de dor que do íntimo aflora,
o personagem chora e ri... ri e chora.
A vida é como um circo, cada cabeça um picadeiro.
Às vezes atuar é difícil como a ciência dos cones,
círculos, cilindros e trapézios lá no alto, riscando o espaço;
esferas, universo de astros e estrelas brilhando no seu tempo.
Um mundo mágico parece a vida nesse circo.
Cheio de ilusões, mas é pura verdade.



Arranjo

Por Maurício Lima

eu te toco

você

nota

musical

vibra

expande

ressoa

diminui

em silêncio

para

que no próximo toque

soe

seja

acorde maior

ARTESANATO CONTEMPORÂNEO

Na visão de uma escritora bordadeira.

Por Norália de Mello Castro

Tenho uma sobrinha *designer* de moda e decoração, com uma habilidade fora de série. São incríveis os *designs* que ela faz.

Certa vez, observando seu trabalho, as minúcias da criação, o uso de cliques especiais de computador e o tempo gasto, enorme, mas menor do que outros materiais, eu disse para ela:

- Filha, seu processo criativo é artesanato puro!

Então, fui fazendo minhas observações: o conhecimento técnico exigido, as minúcias de detalhes, o uso das mãos conectadas com a mente, os sentimentos interiores e, principalmente, o tempo gasto.

- Você faz artesanato tecnológico puro!

Houve, sim, um avanço da matéria para executar coisas e objetos. Todo o avançar da ideia de criar moda corresponde aos passos que damos em artesanato de cerâmica, de pintura e, até mesmo, de bordados! Só que, agora, está todo o material necessário num só aparelho, que condensa o que se vai usar. Um avanço tecnológico incrível que, por maior tempo exigido, se pode ter resultados mais imediatos e menos exaustivos. Mente, sentimentos e mãos trabalhando juntos.

Recentemente, me veio às mãos o livro *Floresta Mágica*, para colorir. Peguei o livro e fui observando os desenhos ali mostrados... Minha mão direita ficou inquieta, exigindo minha atenção. E uma vontade enorme de BORDAR se manifestou. Não queria colorir, não. Eu queria bordar, com mil cores, os desenhos que me saltavam aos olhos. Será que tenho linhas suficientes? Ah, sim, tenho! Não doe minhas linhas. Fiquei feliz com tal constatação. E linho? Terei linho para bordar pelo menos uma página? Não, não tenho! Não tem importância. Comprarei um pedaço de

linho para bordar uma página deste livro. E, continuei a ver o *Floresta Mágica*. Aos poucos, fui constatando que a autora deste livro reproduziu desenhos de bordados do passado e deu um novo tratamento. Ali estão flores iguaizinhas às que encontrava em álbuns de bordado. Ali, estão bichinhos com desenhos iguais aos das bordadeiras do passado: pavão, joaninha, abelhas, coelho e as borboletas, temas muito usados pelas bordadeiras, para enxovais de recém-nascidos. Reconheci flores e folhas do passado. Fui destacando as flores que eu já tinha bordado... um reencontro fantástico e emocionante. Certamente, a autora do *Floresta Mágica* copiou riscos de bordados do passado e deu um novo tratamento aos desenhos.

Pena que não tenho riscos de bordados para comprovar o que a memória me traz, doe todos. Mas, quem tiver – e quiser! – pode verificar nos álbuns passados o que estou escrevendo aqui.

Cheguei, novamente, à conclusão que a nova tecnologia do computador nos dá subsídios para fazer arte e que, novamente, nos colocamos como ARTESÃOS, com o instrumento necessário. Mente, sentimentos e mãos estão em ação conjunta, ao colorir livros especiais. A mente livre de pensamentos pesados, a criatividade em ação nas escolhas das cores a serem utilizadas, as mãos em comando para a realização e todos os sentimentos ali empregados, fazendo até o papel de uma terapia. Ao colorir o livro de desenhos, se faz uma criatividade própria: todo ser humano tem necessidade de criar algo. Ocupa a mente nas decisões das cores a serem usadas e elas interagem com a emoção: cor é vibração, e o quadro final, uma criação induzida, mas única. Já pude ver pessoas orgulhosamente mostrando o resultado final do colorir, feliz por ter conseguido.

Mas, e a ausência de palavras? Será que o livro tradicional está condenado ao esquecimento?

Certa vez, Marta Medeiros escreveu que passou a escrever algumas coisas de autoajuda, porque sentiu que as leitoras assim desejavam, que talvez estivessem cansadas de palavras, queriam algo mais imediato e gratificante.

(Segue...)

Querem respostas para si mesmo, imediatas, para ter alegria. Quem colorir um livro inteiro, terá certamente **escrito** o seu próprio livro. Nem todo mundo sabe se expressar em palavras, nem todo mundo sabe ser poeta, mas colorir todos podem! E o estão fazendo com sucesso.

Assim aconteceu com a evolução das emendas de paninhos, inicialmente feitas por necessidade, para cobrirem os corpos nus. Peles de animais foram usadas até passarem para tecidos.

O primeiro trabalho considerado *PATCHWORK* foi feito na Grécia antiga, seguido por mais e mais emendas de panos, até chegar aos dias de hoje, como uma arte requintada de emendas de paninhos.

O mesmo aconteceu com os bordados, inicialmente em peles de bichos, até chegarem aos dias de hoje, com bordados sofisticados e caprichados, onde entram ouro e prata.

Cada povo, usando sua criatividade nos deu tapetes persas, bordados indianos, objetos de madrepérola, e assim por diante.

E por que não usar o livro para colorir, como uma forma de “escrita” de seu próprio livro, uma vez que nem todos têm o talento para a escrita? O livro é reconhecidamente um objeto que marca a vida de todos, mesmo dos não escritores. Mas, penso que todos, todos, gostariam de escrever o seu próprio livro, haja vista o que temos lido nos *blogs*. Como estão escrevendo! Agora, o colorir livros! Unindo o reconhecimento apaixonante por livros e o possível ato “de escrever” o seu próprio livro, num rompante entre desenhos e cores. Ah! As cores! Vibrantes, determinantes na vida, aconchegantes, estimulando mais e mais a continuidade da criatividade, deixando suas qualidades que só as cores sabem fazer e nos estimular o íntimo.

Mas, onde fica a palavra escrita ou falada que nos liga diametralmente? E de importância única?

Nosso leitor está cansado de palavras vãs que não levam a nada. Não solucionam os problemas imediatos do bem viver. Assim, temos visto textos e poesias falando de amor, da necessidade de ter alegria no dia a dia, de viver o hoje. Mas, será que damos espaço criativo para ele próprio criar junto conosco? Para Joyce Cavalcante, o melhor livro é aquele que permite ao leitor escrever junto conosco.

Talvez, como escritora, digo que o rompante de livros de colorir nos levará fatalmente à palavra mais elaborada de nossa língua pátria, a palavra mais cuidada para que o leitor crie junto conosco. Talvez, seja este caminho a ser refletido no momento: se fazer mais entendido como escritor, colorindo nossos textos e caprichando nas colocações que possam atrair uma boa leitura. E, ao ler um livro, o leitor esteja criando também, refletindo e se colocando junto do livro que está lendo. Sinto que precisamos, cada vez mais, caprichar no que propomos a escrever, acessível ao leitor, com ou sem ilustrações, pois o livro sempre estará em nossas vidas.

Ouvi de um escritor (não anotei o seu nome) que após esta explosão, a palavra voltará com força, que tal fato será consequente de uma explosão de cores. Assim espero! Que venha uma explosão de textos mais compreensíveis e realistas em que o leitor possa escrever, colorir e cheirar nossas palavras... Que haja uma evolução de escritores e de leitores!

Afinal, somos artesãos do século XXI, com milhões de recursos técnicos que, até pouco tempo atrás, não tínhamos. É natural que apareçam livros de colorir, *blogs* e mais artesãos das letras.



REALIDADE ATUAL DE OUTRORA SONHADA

Por Odenir Ferro

Muitas e muitas vezes, sonhei com uma confortável realidade – onde através dela, eu pudesse presenciar vivenciar, – tudo o que a mim –, acontece agora. E vive-la. Dentro da realidade atual – a mesma de outrora tão sonhada – e que hoje estou podendo começar a vivenciá-la, dentro desta minha autêntica verdade: e isto está se tornando – passo a passo – muito prazeroso. A virtude da vida – dentro da lógica racional do viver em si – consiste em sonhar, projetando em nosso dia a dia, através do nosso íntimo, as possibilidades de se “fazer acontecerem” na nossa vida prática-real, objetiva, lúcida, consistente – a realidade dos nossos sonhos idealizados, projetados, fantasiados, mas vividos dentro do subjetivo que compõe todo o nosso onírico imaginário ideário. A força da crença na realidade consiste em trazermos à tona da nossa vida, nossos sonhos mais profundos: criando forças íntimas – plenas de fé e razão de justiça pessoal – para torná-los fonte de edificações concretas, na realidade do nosso histórico de vida.

- Eu não saberei dizer ao certo, o que é mais intenso: se é o ato de sonhar, poetizar uma realidade (ou a possibilidade de que ela possa vir a acontecer) para situar-se dentro do nosso paradigma de vida pessoal – ou se é poder sentir todas as vibrações, todas as sensações de perceber, de sentir, a realidade de vivenciar – mesmo que seja uma ínfima parte destes sonhos – acontecendo dentro da nossa realidade presencial – ou seja, dentro do aqui, do agora, de forma passageira e tímida, muito embora dando ares de que se tornará perene.

- Posso sentir que dentro desta nossa jornada existencial – é muito importante que façamos as artísticas façanhas – de criar e reproduzirmos os nossos sonhos, sublimando-os intimamente, até eles acontecerem por dentro e em torno de nós: mesmo que os obstáculos sejam muitos, e o tempo de eles se amadurecerem, se prolongue de maneiras demasiadamente longas.

A persistência é uma arma poderosa – e por ser ela um exercício de longos e longos anos, mas, portanto e, entretanto, de resultados duradouros – torna-se uma fonte inesgotável de realidade, esvaindo-se de dentro do nosso onírico estado de amar – criando uma resistência fortalecida por desdobrados poderes de mística, pessoal e interpessoal. Capazes de ajudar-nos a definitivamente, concretizarmos os objetivos, através das metas antes traçadas, feitas e refeitas, através dos nossos primeiros instintos: aqueles que se partem e se repartem, dentro dos nossos atos de sonhar!

- Sonhar é padecer no paraíso! Agir é agarrarmo-nos e avançarmos pelos incógnitos da vida, acreditando nas metáforas e nas metafísicas subjetivas dos nossos sonhos (tornando-as objetivas), podendo ter capacidades psicológicas, físicas, intelectuais e mentais, para darmos asas à imaginação, realizando, construindo, inovando... Tornando-se um verdadeiro empreendedor. Reformulando, desta maneira, todo o conjunto estético do nosso estilo de vida.



DE UM AMIGO PARA O IMPERADOR

Por Raphael Miguel

Usando do direito que a Constituição me concede, declaro que hei mui voluntariamente abdicado na pessoa de meu muito amado filho o Senhor Dom Pedro de Alcântara. Boa Vista, 7 de abril de 1831, décimo da Independência e do Império. [Ass.] Dom Pedro I.

O termo da abdicação de Dom Pedro I ao Trono do Império do Brasil dava mostras do que haveria de vir. O Monarca deixou a cadeira máxima da nação e se retirou para a Europa, onde viveria o fim de seus dias. O Proclamador da Independência se sentia impotente ante os problemas da pátria, incapaz de lidar com os novos anseios da sociedade e preferiu deixar com que seu filho, D. Pedro II arcasse com as incumbências de um monarca. O Primeiro Imperador voltou para a Pátria-Mãe Portugal onde se engajaria em novas novelas portuguesas entre parentes.

Após a abdicação de Dom Pedro I, o glorioso Império do Brasil seria governado por um novo líder, Pedro de Alcântara, o abençoado D. Pedro II. Ao menos, era isso que se esperava.

Pedro de Alcântara João Carlos Leopoldo Salvador Bibiano Francisco Xavier de Paula Leocádio Miguel Gabriel Rafael Gonzaga de Habsburgo e Bragança acordou rei e não se deu conta disso. O menino de cinco anos ha-

via se tornado o primeiro monarca nascido em solo brasileiro e deveria enfrentar os crescentes descontentamentos da sociedade com a propriedade de um verdadeiro líder. Era muita responsabilidade para o pobre garoto.

Levantou da luxuosa cama onde dormia e coçou os cabelinhos castanhos claros lisos e perfumados. O sono matinal atrapalhava sua visão, mas logo um beija flor o veio ovacionar. O pequenino deixava a janela aberta para observar os passarinhos pela manhã. Aquele era o ponto máximo do despertar da pequena joia da realeza.

Com os passos curtos e sonolento, caminhou em direção à porta do aposento. Quando a abriu foi recepcionado por um grupo de inúmeras pessoas. Muitos conhecidos e alguns que nunca havia visto na vida. Todos em uníssono gritaram *vivas* e entoavam: *longa vida ao Imperador!*

Não entendeu aquela inesperada recepção. Por que aqueles estavam fazendo festa e cantando *vivas*? Ao que sabia, aquilo era extremamente inapropriado. O rei era seu pai, Dom Pedro I, e não ele. O pequenino direcionava olhares curiosos à multidão.

Então, dentre tantos figurões, três se fizeram destacar, dando um passo à frente dos demais. Cada um dos três se vestia de forma luxuosa e pomposa, como se estivessem prontos para uma solenidade. Os cavalheiros se inclinaram em respeito ao filho de D. Pedro I. A cena era incrível: três homens feitos em roupas soberbas, encurvados diante de um pequeno príncipe de cabelos desgrenhados e pijamas. (Segue)

Não demorou para que aqueles homens se apresentassem. O primeiro, um homem com cabelos pretos bem aparados e penteados, usando um casaco militar, se apresentou como *O Primeiro e Único Barão de Barra Grande*, Francisco de Lima e Silva. O segundo se identificou como Senador Vergueiro, tinha uma aparência bastante respeitável, ostentando uma impecável e bem aparada barba. O último cavalheiro, o terceiro homem, se identificou como José Joaquim Carneiro de Campos, o *Marquês de Caravelas*, após se identificar, teceu inúmeros feitos de sua autoria com pompa e desembaraço. Cada um dos três beijou a mão do menino e lhe prestaram juramentos.

Aquilo soou estranho a Pedro de Alcântara. O pequeno mal havia acordado e estava sendo bajulado de uma forma nunca antes vista. Mas antes que o menininho pudesse tecer algum questionamento, uma mão repousou em sua cabeça e lhe acariciou os cabelos, tentando impor alguma ordem no penteado. Curioso, o garoto olhou para cima com a finalidade de identificar aquele que o acariciava. Encontrou o sorriso singelo e bem vindo de um amigo: José Bonifácio.

Foi o aristocrata quem explicou a Pedro o que havia acontecido. Durante a madrugada, pressionado pelas problemáticas crescentes do glorioso Império, o nobre D. Pedro I abdicou do trono em favor do pequeno filho, de apenas cinco anos de idade. Rapidamente, logo após a renúncia, os deputados e senadores se reuniram na corte com a finalidade de decidirem o futuro do país. Assim, foi insti-

tuída a Regência Trina Provisória através da qual Brigadeiro Francisco de Lima e Silva, um militar; Nicolau de Campos Vergueiro, um senador liberal; e Marquês de Caravelas, um senador conservador ditariam as diretrizes da pátria, em face da menoridade do imperador. No entanto, para todos os efeitos, Pedro de Alcântara era o rei do glorioso Império do Brasil.

Aquilo era tão inesperado. O pequeno imperador começava seu reinado naquela manhã. Sorriu ao lembrar que o primeiro a lhe ver investido de tamanho poder foi um pequenino beija-flor.

Pela pouca idade, Pedro de Alcântara iria ser inserido aos poucos nas questões governamentais da monarquia. Ninguém em sã consciência iria esperar atitudes mais incisivas por parte de um pequeno garotinho.

Enquanto os assuntos políticos fossem tratados por Lima e Silva, Vergueiro e pelo Marquês de Caravelas, o infante imperador deveria ser instruído e educado para o vindouro período de reinado pleno.

Desta tarefa se incumbia José Bonifácio. Sob a encomenda de Bonifácio, diversos mestres revezavam na educação do pequeno líder. D. Pedrinho aprendia as mais variadas lições. Mas aquilo era tão chato quanto poderia ser a qualquer criança. Ao garotinho parecia mais proveitoso brincar com seus gatinhos ou correr pelos extensos corredores do Palácio no Rio de Janeiro. Nada de lições sobre economia ou filosofia. (Segue)

Nos primeiros meses após a abdicação de D. Pedro I, o Palácio recebia centenas de cartas, a maioria destinada ao novo imperador. As cartas vinham de todas as partes do glorioso Império e também do mundo conhecido. Os assuntos tratados nas cartas raramente fugiam de felicitações e apoio ao novo rei.

No entanto, Pedro de Alcântara quase não tomava ciência das epístolas. As cartas eram recebidas e lidas pelos três Regentes e, dificilmente, estes levavam o teor a conhecimento do menino.

Veza ou outra, o tutor José Bonifácio trazia algum envelope recém chegado e se dispunha a ler o conteúdo ao menino. Apesar de a maioria consistir em uma leitura enfadonha cheia de bajulações, ao garotinho aquilo parecia ser um exercício bastante lúdico.

Era através daquelas cartas que o pequenino poderia conhecer melhor seu vasto reino. Por ser um país de proporções continentais, o Brasil continha peculiaridades próprias de cada região e aquilo era facilmente notado através do modo como escreviam as cartas lidas por Bonifácio ao reizinho.

Ouvindo aquelas histórias, Pedro podia viajar. Era como se a cada leitura, visitasse uma parte diferente do grande Brasil. Podia ir do Rio Grande do Sul ao Grão-Pará, de Pernambuco ao Mato Grosso, do Maranhão ao Espírito Santo. Tudo através das palavras. Como o menino gostava daquilo.

A cada carta lida, aprendia uma cultura, uma vivência, um costume diferente. Apesar de estarem no mesmo território, cada brasileiro era um ser único, com suas características regio-

nais próprias.

Era mais um dia comum na corte. Após uma cansativa aula de moral e bons costumes, o pequenino imperador só queria brincar. Passou a tarde toda se divertindo nos jardins do palácio.

Antes de anoitecer, o garotinho estava exausto. Tanto que se deitou na grama verde do jardim e adormeceu. Não demorou para que José Bonifácio o despertasse do sono, usando de um tom calmo e suave.

Ainda em tom tenro, o tutor advertiu ao garoto que não era salutar ficar deitado na grama tal e qual um indigente e o instruiu a deixar o jardim para a hora do jantar. Relutante, o pequeno deixou a cama verde e acompanhou seu tutor adentro Palácio.

Após a boa e farta comida no jantar, Bonifácio tirou de dentro do pomposo casaco que usava, última moda na Europa, um envelope e disse que iria ler uma nova carta ao imperador. O tutor ainda externou que aquela era, sem a menor dúvida, a carta mais incrível que havia recebido na última quinzena.

Ansioso para que o conteúdo do envelope lhe fosse revelado, D. Pedro II convidou o tutor para seus aposentos, onde poderia recitar a epístola sem demoras.

Devidamente aconchegado, Bonifácio iniciou a leitura da Carta:

(Segue)

Querido senhor Pedro de Alcântara J. C. L. S. Brasil e levar consigo um travesseiro com um B. F. X. P. L. M. G. R. G. H. B., ou simplesmente, Dom Pedro II; é com muito respeito e querido monarca, em nome de todos os brasileiros, pela grande besteira que iremos fazer ao trocar nosso tempo áureo por períodos de densas trevas. Se possível, amado rei, não esqueça de rezar pelo futuro do Brasil nas missas que hei de frequentar. De seu amigo do futuro, R., São Paulo, ano 2015 DC.

Aquela foi, de longe, a carta mais intensa que José Bonifácio havia lido ao pequeno imperador. Ao que parecia, o remetente escrevia do futuro e fazia menção a diversos fatos que iriam ocorrer. Seria aquilo verdade? O ano de 2015 parecia extremamente longínquo, era provável que até aquela data os eventos do livro de bíblico de Revelações já haveriam de ter acontecido.

No entanto, poderia ser a mais pura verdade. Por algum motivo mágico, a carta poderia mesmo ter vindo do futuro e retratar diversos eventos que culminariam na ruína da pátria. A mera hipótese de ver o Império mergulhar nas trevas e ser assombrado pela corrupção fez com que o pequenino rei vertesse algumas lágrimas de tristeza.

Não saberia dizer por quanto tempo dormiu. O certo é que quando José Bonifácio o acordou já era noite e os grilos cantavam. O pequenino havia dormido na grama bem aparada do jardim do palácio por horas.

(Segue)

De onde escrevo, não consigo visualizar um líder tão carismático, humano e inteligente como sua pessoa. Sei que é apenas uma criança e que não tem a mínima ideia de quem eu sou, mas quero lhe agradecer do fundo de meu coração pelo enorme carinho com que tratou nossa querida Pátria durante seu duro reinado. Quem dera na época de onde escrevo, tivéssemos uma classe política com a metade de seu caráter e liderança. Com certeza não haveríamos de estar em tanta sujeira e corrupção. Nosso querido Brasil está vivendo tempos de crise em minha época, senhor Imperador. Em nada se parece com os tempos áureos de seu governo. Ainda é um menino, querido rei, mas um dia se tornará um homem de bem, justo e honrado. Um governante à frente de seu tempo, um líder com todas as implicações da palavra. Durante seu reinado nem tudo será flores, mas seu nome ficará registrado nos anais da história para sempre como um dos maiores governantes do país. Ah, se pudéssemos voltar no tempo e não acabarmos com a Monarquia! Sinto muito pelo que haverá de haver no final de seu longo reinado, meu querido imperador. Perdoa-lhes, pois não sabem o que fazem. Sei que homens maus irão tramar sua retirada do trono e irão conseguir, mas isso não irá jamais apagar o brilho que foi tua presença em nossa amada terra. O senhor, nobre rei, é um verdadeiro nacionalista e deixará isso muito claro ao ser expulso do

De certa forma, aquilo deixou o menino aliviado. Havia sonhado com uma carta extremamente preocupante que vinha de um futuro tenebroso de seu amado país.

José Bonifácio o repreendeu, com um tom de ternura, sobre o fato de dormir na grama, como um indigente. Ambos jantaram juntos e conversaram sobre assuntos diversos. A distração fez com que o menino esquecesse quase completamente o sonho preocupante que havia tido com aquela carta vinda do futuro.

Antes de dormir, Bonifácio tratou de desejar boa noite ao pequeno imperador. Mas o garoto não queria saber de dormir sem antes ouvir, ao menos, o texto de uma das cartas recebidas pelo tutor.

Um pouco relutante, o bom senhor tirou uma carta de dentro do bolso do casaco europeu. Antes de lê-la, tratou de correr seus olhos sobre o papel para se certificar do conteúdo. Era de praxe fazer aquilo para poder aplicar alguma censura a textos inapropriados.

Após a breve leitura da epístola em silêncio, José tratou de queimar o papel no fogo de uma vela e debochou do conteúdo ali escrito.

O garotinho não aprovou o gesto e pediu explicações. O tutor explicou sua atitude dizendo que a carta era uma zombaria de algum anarquista, vinda da cidade de São Paulo, mas de um ano deverás longínquo, que sequer havia o nome do remetente que se identificava apenas como "R". Um verdadeiro absurdo.

Contudo, Bonifácio tratou de tranquilizar ao pequeno imperador, logo tirou outra carta de dentro de seu casaco e iniciou a leitura do

conteúdo. Era um convite de um nobre senhor de terras na província de Pernambuco para que o jovem monarca o visitasse. O garotinho sorriu ao lhe ser dada a oportunidade de viajar pela pátria amada e conhecer um pouquinho mais do país que lhe aguçava a paixão.



**PARTICIPE
DO III PRÊMIO
VARAL DO BRASIL
DE LITERATURA!**

**Contos
Crônicas
Textos Infantis e
Poesias**

**Veja o regulamento no
site do Varal ou peça no
nosso e-mail:**

varaldobrasil@gmail.com

O MATADOR DE ARANHAS

Por Rita de Oliveira Medeiros

No ano de 1972 aconteceram alguns fatos notáveis, na turma da quarta série primária, do colégio Ana Gondin, no bairro Magalhães, em Laguna.

O primeiro deles foi a criação da equipe de enfermagem, que foi batizado de “Pelotão de Saúde” e era composta por alguns alunos da professora Nilza Guedes, já falecida. Eram eles: Regina Ramos, Rosalba dos Santos Duarte, Zuleida Martins Rosa Rita de O Medeiros e Eduardo (perguntar).

Os aventais da equipe foram confeccionados pela Sra. Alba Ramos dos Santos, mãe da Regina Ramos. Obviamente, eram brancos, com uma cruz de feltro vermelha aplicada. O formato da cruz gerou muitas discussões e reuniões, pois mais parecia a cruz de malta vascaína.

Os integrantes da equipe eram muito dedicados ao trabalho voluntário, tratavam pequenos ferimentos dos alunos do colégio com os medicamentos e materiais para curativos, que foram arrecadados por eles, na farmácia da Administração do Porto de Laguna - APL e foram muito paparicados pela equipe docente.

O final daquele ano, que encerrava a caminhada no chamado “curso primário”, presenciou uma festa de encerramento das atividades da equipe de enfermagem diferente: regados a melhora infantil e sorrisal.

Outro grande acontecimento foi o passeio ao Morro da Glória, com a turma toda, que utilizou o período da manhã inteiro, o que deixou os alunos muito felizes, pois não houve aula neste dia.

Durante este passeio, que começou com uma caminhada pelo bairro Mar Grosso, os alunos subiram pelo morro e chegaram ao destino muito rapidamente (no entendimento deles, que de tão eufóricos estavam não notaram o tempo passando) e o resto foi só festa, correrias e novas descobertas.

Do bairro onde moravam que fica praticamente no sopé do Morro da Glória, eles avistavam duas pedras. E neste passeio, encontraram as tais

pedras, puseram-se a examiná-las e descobriram espantado que, por trás delas, havia um caminho. Para surpresa deles, este caminho ia dar justamente na Toca da Camila, que ficava atrás da escola, local onde, naquela época, as famílias do entorno da escola iam buscar água para beber.

Aquela turma de enfermagem era composta por ótimos alunos. Eram inteligentes, não se limitavam ao que era ensinado em sala de aula, tinham uma curiosidade tão grande quanto pouca noção de perigo.

Aquele passeio ficou na lembrança destes alunos, o local era na verdade, uma floresta desconhecida, parecia um dos contos de fada que eles tanto liam nos livros da biblioteca. A vontade de retornar ao local era grande e não diminuiu com o passar dos dias, ao contrário, aumentou!

Mas, como iriam lá, sozinhos e sem autorização dos pais? Para esta pergunta que não queria calar, em suas mentes e seus corações, eles não demoraram muito a encontrar uma resposta: o caminho da “toquinha”.

A oportunidade surgiu numa manhã, inesperadamente. A professora precisou faltar naquele dia. Os alunos tiveram aula, como era a regra, somente até a hora do recreio. Com esta folga surpresa, resolveram então fazer a caminhada até o morro da glória pela trilha da toquinha, brincarem um pouco e retornar até a hora do almoço, sem que seus pais descobrissem a travessa aventura. Em suas cabeças ainda infantis, se naquele dia conseguiram chegar tão rapidamente, indo pela estrada que costeava a praia do Mar Grosso, logicamente chegariam bem mais rápido usando o caminho da toquinha.

E assim o fizeram. Dirigiram-se, num grupo de apenas quatro alunos, composto por 3 meninas e um menino. Regina Ramos, Rita Medeiros, Zuleida Rosa e Eduardo Paes, que foi convidado por elas, visto que conversaram entre si e chegaram a conclusão de que seria mais seguro o passeio com a companhia de “um homem”.

O início da aventura foi repleto de expectativas e planos, sobre o que olhariam em quais brinquedos iriam brincar e o tempo que levariam para voltar.

(Segue)

Estavam subindo a trilha, que ia tornando-se cada vez mais íngreme, Regina na frente, Eduardo ao lado de Rita e Zuleida por último, quando inesperadamente, surge uma aranha monstruosa.

Muito grande, pernas compridas, preta e muito peluda, ela fazia tranquilamente a travessia da direita para esquerda quando foi vista pelo grupo. Eduardo, corajosamente pegou um galho e bradou: Quietas! Não se mexam! Ela é muito perigosa e pode pular na gente!

Regina estacou, Rita paralisou e Eduardo, bravamente, atingiu o pobre aracnídeo num golpe só e resolveu a questão. Passado o susto, já aliviados, todos se entreolharam. Foi neste instante que, preocupados, deram pela falta de Zuleida, que não mais se achava entre eles.

Foi um instante de puro pânico, onde todos se perguntaram como ela desaparecera, se tinham ficado “paralisadas”, para que o “homem” matasse a temível aranha?

-Zuleida?

Chamaram em uníssono, as três vozes aflitas, quando ouviram um longínquo:

-Ei! Estou aqui!

Todos olharam para abaixo, muito abaixo do local onde deveriam estar parados e lá estava ela, a gargalhada solta, o olhar sapeca de quem tinha se safado de um grande perigo com muita astúcia!

- espera que eu ia ficar aí parada mesmo!

A gargalhada foi geral. Desceram o morro apressados e chegaram em suas casas quase em cima da hora para o almoço.

Imagine se naquela trilha não morasse a “dona aranha”?

No dia seguinte, na hora do “recreio”, Zuleida ainda ria muito, lembrando da sua “fuga” imediata e contou-lhes que:

- enquanto eu descia, os meus calcanhares batiam na bunda!

Após muitas risadas, os aventureiros chegaram à conclusão que teriam levado os quatro, uma bela surra, pois o passeio teria sido mais longo do que pensavam em suas cabeças infantis e nunca teriam chegado a tempo de almoçar, sem que os seus pais desconfiassem da sua aventura.



Leandro: O Pegador de Araçatiba

Por Rob Lima

Olha quem vem aí! Ele cheio de graça, passeando como não quer nada, na calçada da praça de Maricá. Leandro garoto safado, cara pintoso, não fazia nada da vida; não parava em nenhum emprego. Todo lugar que trabalhava se enrolava com uma funcionária, o último emprego na papelaria da praça, pegou a dona do estabelecimento; que se apaixonou por ele. E aproveitando da situação, deixou a mulher sem nada, e apaixonada.

Leandro todos os dias levantava cedo, parecia que ia trabalhar, que nada! ia pra academia malhar; e só saía lá para meio dia. Chegava em casa, almoçava e cama. À tardinha, o garotão ia dar um mergulho na lagoa, e pra alegria da mulherada, ele se exibia, sabia fazer bem o negócio. O engraçado, que apesar disso tudo, ele se fazia de santo, garoto honesto, namorado sério, mas no fim, o cara queria zuação; pegava geral, e no final, deixava um monte de gata apaixonada.

Leandro não perdia uma noitada, quem via o rapaz, pensava até que o garoto tinha grana. Sempre de roupas de grife, cordãozinho de ouro e relógio importado, na maior ostentação. O cara era tão bom de lábia, que conseguia pegar os carros emprestados com seus amigos. Como amigo, o cara era bom, divertido, cheio de macetes, mandava bem, o cara é inteligente, mas, só usava o que sabia pra sacanagem.

Leandro é moreno, uns 90 kg, 1,80 de altura, olhos esverdeados, cabelos negros caracolados e um corpo definido na malhação e dos anabolizantes que tomava. Ele tinha uma enorme preocupação com o corpo, afinal, aquilo era quase instrumento de trabalho, seu ganha pão. Na época ele recebeu até convite de um turista pra posar em fotos nos EUA. Mas o cara não queria trabalhar, ele era um gigolô de primeira, e seu ponto preferido era as noitadas de Maricá.

O cara sacava muita coisa, sabia de tudo um pouco, um cavalheiro, se expressava bem, conseguia o que queria; até os homens ele conseguia enrolar.

Tudo isso com o tempo foi despertando um ciúme nos outros caras da cidade, porque ele pegava todas né? E estava criando certa desavença, sorte dele que estava sempre na companhia dos seus amigos.

Falta de conselho não era, apesar da admiração que tinham por ele, sempre o aconselhavam que devia parar _Vai arranjar uma mulher pra casar!

Era verão de 2013, a praia tava daquele jeito! E (Segue)

nessa época que Leandro mais se dava bem, botava o sungão branco, uma prancha debaixo do braço e se fingia de surfista. Chegava à areia, colocava a prancha em pé e fazia pose como se tivesse olhando o mar, mas por baixo dos óculos, ele fazia uma pré seleção, o moleque não era bobo não. E logo ia se chegando, daqui a meia hora, já estava Leandro no maior papo com a gata no quiosque tomando uma cervejinha; cerveja que ela pagou.

À noite, levava a gata pra sair, dirigia o carro dela, agia como se fosse o namorado em tempo integral. Na hora de pagar a conta, o cartão de Leandro nunca passava, ele arrumava uma pequena discussão com o garçom, dizendo ser problema da máquina. A gata penalizada com a situação, tirava o dinheiro e botava não mão dele por baixo da mesa; ele fingia tirar do bolso e pagava o garçom, que cara de pau!

Quando o final de semana terminava, cadê Leandro? Não atendia mais celular, dava endereço errado; e lá se vai mais uma gata, que por ele ficou apaixonada.

Mas como nem todos os dias ta pra peixe, Lá vem Leandro todo faceiro, correndo no calçadão de Araçatiba, sem camisa, tênis branco, short esportivo e camisa no ombro. Ele parou no trailer do Jorginho pra tomar um isotônico...

_ Que isso meu irmãão? Quem é ela Jorginho?
_ Cara, não conheço ainda, mas é nova aqui, comprou aquela casa da Dona Almerinda que estava à venda.

A mulher nova no pedaço se chama Elisa, linda, perfeita. Ela tinha 1,76 de altura, branca matizada, cabelos longos mechados de muitas cores, entre o mel e o loiro platinado; seus olhos são duas contas azuis, lábios de dar inveja a qualquer mulher. Usava no dia, um vestido de lese branco, amarrado nas costas deixando seu colo amostra pintado de sardas.

Leandro não perdeu tempo, corajoso! E se a mulher fosse casada? E se o marido estivesse ali por perto? _ OI? Meu nome é Leandro, posso ser seu amigo? (Sorrindo) já segurando a mão da moça. Ela não deu à mínima, tirou a mão fora, virou as costas e continuo caminhando. Ele ficou sem entender nada, nunca tinha sido esnobado por ninguém, Jorginho do trailer caiu na gargalhada.

_ Tá rindo de que maluco?! _ Tem algum palhaço aqui meu irmão?!

Depois dessa, Leandro foi até pra casa. Mas ele não desistiu, agora mesmo que ia fazer de tudo pra pegar aquela gata loira.

O cara ficou doido, ficou matutando o dia todo, qual das artimanhas iria usar, porque já percebeu que ia dar trabalho, com ela o trivial não daria certo.

Noutro dia, lá vai Leandro, dessa vez todo arrumadinho, fazendo estilo mauricinho, camisa pólo, bermuda cargo bege e mocassim nos pés, num carro Porsche Cayenne prata.

Ele ficou só de tocaia esperando Elisa sair, e bem devagarzinho, se aproxima; a moça se assusta e olha pro lado, ele abaixa o vidro e sorri.

_ Posso te oferecer uma carona? _ Não, obrigada, gosto de caminhar.

Leandro pula fora do carro _ Posso caminhar com você? Gosto de apreciar a natureza, sempre corro por aqui. _ Corre? De quem? Da polícia? Leandro pensou com seus botões _ ...Engraçadinha, adora uma piada. Mas ele insistiu.

_ É nova por aqui? _ Por acaso você já me viu por aqui? _ Não! _ Então está respondida a sua pergunta. Leandro a essa altura tava como? Fervendo por dentro, não dava uma certa. Ele continua... _ Já conhece as academias aqui do centro? _ Por quê? Você acha que eu preciso? _ Não! Que isso, você tem um corpo perfeito _ Então por que está me indicando uma academia?

O rapaz já não sabia mais o que falar, pra tudo ela tinha uma resposta na ponta da língua. Jorginho do trailer se acabando de rir, a rapaziada bebendo, ria entre os lábios.

_ Jorginho! Vai tomar conta da sua vida rapá! _ kkkkkk não mete uma dentro heim!

Leandro sai cantando pneu, quase invade a areia da lagoa de Araçatiba.

_ Porra! Eu tenho que pegar essa mulher...

O que ele não esperava, é que sua insistência não era apenas orgulho ferido, mas um sentimento diferente, estava tomando conta daquele coração adormecido.

Ele nem atendia mais o Whatsapp, o pessoal não o via mais nas noitadas, sorte da rapaziada, que agora sobrava mulher.

Um amigo preocupado foi até a casa de Leandro pra ver o que estava acontecendo. _ Leandro! Leandro! Ta em casa?! Ele põe a cara pra fora.

_ Entra aí Juliano _ Cara, o que esta acontecendo? Você sumiu, não atende no whatsapp. _ Cara, sei lá, to bem não _ Fala pra mim, o que houve? _ Não sei Juliano, tem a garota nova, que comprou a casa de Dona Almerinda? _ Sei, aquela gata? E daí? _ Porra cara, aquela mulé ta me deixando maluco!

Juliano sacaneia brincando _ Pô, pega outra cara!

Você pega quem você quiser _ Não sei não, é uma parada diferente _ Hiiiiii já vi tudo, o cara ta caído pela gata, não acredito nisso! Kkkk _ Vou te ajudar nessa empreitada.

Juliano resolveu ajudar Leandro; o cara que até então era “o pegador”, agora estava apaixonado, e o pior, rejeitado.

_ Ô de casa! Juliano bate na casa de Elisa _ Oi, pois não, o senhor deseja alguma coisa? _ Elisa? _ Sim, sou eu _ Posso falar com você? _ Sobre o que?

_ Bom, sou amigo do Leandro _ Ah, o que tem esse garoto? Eu não tenho nada com ele, não o conheço _ Elisa, ele gosta de você, ta na maior deprê por causa disso _ E eu com isso?

Juliano conversou com Elisa, e explicou toda situação. Por mais comovida que tenha ficado com a história contada, ela tinha algo de estranho.

Elisa resolveu aceitar a idéia de Juliano, que foi correndo contar ao amigo. Leandro noutro dia estava todo animado, e já de manha, todo arrumado, partiu rumo à casa de Elisa.

_ Oi, posso caminhar com você? _ Pode!

Leandro não acreditava no que estava ouvindo, depois de tantos foras.

Então isso passou a ser rotina, todos os dias neste horário ele acompanhava Elisa nos seus afazeres ao centro da cidade. O pessoal que vê aquela cena, não acreditava; quem o conheceu, nunca achou que um dia mudava.

Mas com o tempo, todo namoro acaba ficando mais sério, e os dois ainda não haviam se conhecido intimamente. Não sei como Leandro esperou tanto tempo, o que amor não faz...

Todas as vezes que no assunto era tocado, Elisa fugia, se esquivava, e Leandro apaixonado ia deixando de lado.

Mas porque tanto problema em fazer aquilo que era tão bom? O que havia com Elisa, seria promessa pra alguma santa? Algum trabalho de amarração? Vai se saber, porque ela era linda, e Leandro cheio de disposição... Coisas do coração.

Era Julho de 2014, festa na cidade, Leandro estava determinado que aquela noite seria feito, ou estava tudo terminado.

Ele busca a moça em casa de carro, mas dessa vez, com o dele, que comprou com o próprio trabalho. E arma toda uma situação, diz que não queria ir pra festa do centro, tinha feito na areia da lagoa um momento especial, somente para os dois.

(Segue)

Elisa desconfiada, já se prepara, porque sabia que de hoje, ela não passava.

Leandro arruma na grama uma toalha de banho, coloca varias velinhas acesas e muitas pétalas de rosas espalhadas na grama. Estoura um champanhe, e os dois brindam aquele momento.

_Leandro, tenho que lhe falar _Não, agora não, deixa pra depois amor. Já daquele jeito, ele beija Elisa e acaricia seus cabelos.

_Eu preciso falar! _ Calma, o que foi?! _Leandro, eu não sou quem você pensa que eu sou. O rapaz sem entender o que estava acontecendo _ Como assim Elisa?

Elisa revela o motivo que fez com que Leandro, o “pegador de Araçatiba”, esperasse tanto por aquele dia. Ela tira toda roupa, ficando totalmente nua, e pondo as mãos entre as pernas, revela que desde seu primeiro namoro, ela não havia tido nenhuma experiência, pois seu noivo havia falecido de uma doença grave, antes mesmo que o ato fosse consumado, desde então ela não teve outros relacionamentos.

Leandro ficou até aliviado depois disso, e ao contrário que todos vocês esperam, ele não consumou o ato. Os dois se abraçaram, e passaram a noite enrolados na toalha e olhando o céu que estava lindo nesse dia.

Noutro dia, ele foi até o cartório mais próximo e marcou a data do casamento, passou numa loja de joias e comprou um par de alianças, e mandou gravar o nome dos dois.

E da forma mais simples e divertida, ele fez o pedido de noivado na roda gigante do parque que tinha acabado de chegar na cidade. Elisa ficou radiante e feliz.

O casamento aconteceu nas areias da praia da Barra; Juliano, Marquinho e Jonatas foram seus padrinhos; até os rapazes que não gostavam muito de Leandro, foram festejar com ele. Afinal, agora a paz voltava a cidade, e nas noites de Maricá; era mulher sobrando pra todo mundo.

Agora o pegador de Araçatiba, era um homem casado e muito feliz.

Compraram uma casa em Itaipuaçu, próximo ao recanto, de onde podem ver toda beleza do mar.

Elisa, é professora de inglês, e Leandro, passou a ganhar dinheiro com vídeos que ele postava dando dicas de sedução, tinha mais de um milhão de acessos, até palestra nos EUA ele foi dar.

Quem diria, como a vida da voltas. Ele podia ter se dado mal, mas o amor de Elisa mudou esse final.

E quem quiser...que conte outro final, até a próxima!



Amigo brigadeiro ou Amigo parafuso?

Por Rogério Araújo (Rofa)

A vida nos reserva sempre grandes surpresas. E uma das maiores que pode ser tanto as melhores quanto as piores do mundo são os amigos.

Dia 20 de julho é o **Dia da Amizade** e por isso podemos aproveitar essa data para refletir sobre quem são e quantos temos amigos nessa vida.

Considerar um monte de gente que passa pela nossa existência como “amigos” não é a solução mais adequada. Muitos podem ser colegas mais chegados, mas não amigos de verdade. Podemos nos dar bem com alguém sem que essa pessoa compartilhe diretamente de nossa vida.

Existem diversos tipos de amigos no mundo, mas podemos resumir em dois que podem englobar de forma geral os demais:

- “**Amigo brigadeiro**” é aquele que está presente em todas as festas e se alegra junto com você. É uma pessoa que traz imensa alegria, mas que pode apenas estar com você nesses momentos e fazer falta nos outros mais difíceis em que pode simplesmente sumir.

- “**Amigo parafuso**” é aquele que pode até não estar em todas as ocasiões, como nas festas e momentos de alegria, mas não falta na hora do aperto, nas dificuldades da vida e marca presença quando você mais precisa. Um amigo bem chegado como um irmão.

Então, ao analisar um e outro, vamos pensar que um ou outro é o melhor, dependendo da ocasião? Não! Porque o amigo de verdade e o mais importante é quem está ao seu lado sempre, seja nos momentos alegres e, principalmente, nos tristes.

Como disse Francis Bacon: “A amizade duplica as alegrias e divide as tristezas”. Assim, bom seria que tivéssemos um “amigo parafuso brigadeiro” que seja nos momentos do aperto ou de festa está com você. É um amigo presente e verdadeiro!





TOP DO POP

Raphael Miguel

Olá, caro leitor.

É com muita satisfação que inicio uma coluna nesta revista que nos presenteia com ótimas e deliciosas doses de prazer literário sem frescura.

A partir desta edição estaremos discutindo sobre aquilo que nos faz feliz quando estamos sem fazer nada. Isso mesmo, porque após um dia cansativo de trabalho, nada melhor que divagarmos com diversos assuntos descomprometidos com a realidade.

Nada melhor que a sensação de ocupar a mente lendo um bom livro, assistindo a um episódio daquela série que tanto amamos, vendo um filme excepcional, jogando um videogame, ouvindo uma música alucinante, folheando uma HQ, enfim. Aquilo com que nos ocupamos quando estamos desocupados é o tema desta coluna.

Tudo isso, minha gente, é cultura pop!

E por que falaremos disso? Porque nós merecemos, simples assim.

Sim, este espaço será dedicado à cultura pop em geral. Livros, músicas, séries, filmes, HQs, animes, games... tudo o que nos é oferecido para que possamos, ainda que por alguns minutos, escaparmos da dura realidade em que estamos inseridos.

Sejam bem vindos ao *TOP DO POP*.

A DURA MISSÃO DAS ADAPTAÇÕES

Não é de hoje que somos agraciados com adaptações para a sétima arte de obras concebidas *a priori* para outras mídias. Dias após dias, temos alguma notícia sobre uma novíssima adaptação de alguma obra, trazendo as palavras do abstrato para o mundo de carne e osso, mas essas concessões são antigas.

(Segue)

A grande verdade é que existe um enorme arsenal de enredos prontos, apenas aguardando o chamado de alguma grande produtora para ganhar vida nas telas. São roteiros pré-estabelecidos e já aclamados nas mídias originárias em que estão inseridos. Assim, a adaptação para a telinha ou telona é algo até natural. Existem inúmeros exemplos que poderíamos recordar.

Logicamente que uma adaptação sempre gera grande repercussão. Aqueles que tiveram o contato com a história original se interessarão exatamente para verem seus queridos personagens ganharem vida em carne e osso. Aqueles que não tiveram acesso à obra original irão ter o primeiro contato com um mundo que pertencia somente à imaginação.

Creio que seja aí que encontramos o ponto crítico. Sempre que uma obra (consagrada ou não) é adaptada, a questão é ressuscitada.

Adaptações, pela própria definição, sugerem que algo será modificado em relação a uma ou outra questão. Devemos saber que nem tudo é viável quando adaptado da obra original.

Muitos fãs não se conformam com as

adaptações entre as mídias e reclamam ponto por ponto de uma questão ou outra abordada de forma diferente. Confesso que, por vezes, me sinto assim em relação a uma ou outra adaptação. Quase morri assistindo *X-Men Origins: Wolverine*, por exemplo.

Mas, na boa... essa é uma discussão que não deve ser levada tão a sério. É verdade que queremos adaptações extremamente fieis ao original.

Existem casos e casos. Algumas adaptações podem não ser tão bem correspondentes ao material original e se tornarem tão boas ou até melhores em relação ao ancestral. Outras não. Pronto. Cabe ao espectador julgar.

Como consumidores tanto da obra original quanto da adaptação, temos o direito de reclamar, mas exigir fidelidade e emburrar a fuça pelo eventual descontentamento é ridículo. Vamos largar a mão de tanto *mimi* e aproveitarmos o melhor do entretenimento em todas suas facetas.

Viva as adaptações (boas ou ruins, fieis ou infieis), sem ressentimentos!

O amor está no ar

Por Rosane Martha Zanini

O amor está no ar
ouço seus passos
 pelo caminho
sinto o coração
 saltitar
e esta falta de ar
a me torturar.

O amor invade
sussurra pelo caminho
 ilusão
a nostalgia palpita
meu coração habita
 sinto a razão tremular :
 solidão
 agora é verão !

Estrela Brilhante

Por Silvio Parise

Brilha estrela
Nesse céu sempre aberto
E revela-me os segredos
Que estão por detrás desses universos
Lindos, porém complexos
E cheios de vida!
Nessa beleza ativa
Que em ti vejo
Brilhando em noites cujo relevo
Vale a pena sonhar.



O amor não é cego

Por Totonha Lobo

A conheci idosa. Pelos traços que conservava deve ter sido uma jovem muito bonita. Muito bonita. E habituada a ver em reflexos a sua beleza, mesmo adoecida, ela e o marido tendo que comprar remédios que faltavam no posto, tirava também na conta da farmácia a tintura para o cabelo, o batom, o ruge e o lápis preto, para os olhos e sobrancelhas.

O lenço do pescoço, que era seu charme agora a ajudava a esconder a papada enrugada. Foi vaidosa e continuava. Dava gosto vê-la arrumada, assim. Todos os dias quando eu a visitava. A qualquer hora do dia.

Um dia contou-me que caíra próximo à loja onde fora comprar umas louças. Por sorte foi antes de entrar. Os copos teriam se quebrado, todos se fosse perto da primeira prateleira. O casal, donos da loja, amigos antigos a socorreram. Em outra visita estava com o braço todo raspado, um esbarrão na porta e o braço em carne viva.

Foi ao oculista do posto, era catarata. Entrou na fila, das fichas. A sequência o paciente desconhece. Demorou, demorou, demorou. Marido piorou da doença e ela em novos tropeços, tombos e esbarrões, torções nos pés, as vezes manquitolava. Os dois precisando um do outro sem poder se socorrerem. Ele fraco e ela nada enxergando, andava apalpando as paredes, quase se queimando no fogão.

Veio o aviso: cirurgia de catarata marcada. No mutirão. Esperança de enxergar e cuidar do marido. Feliz. Não se esqueceu de por o lenço no pescoço, estava frio e foi na ambulância.

A primeira cirurgia não teve o sucesso. Fez outra. Também não. Foi para refazer tudo em São Paulo. Cegou de vez.

Por uns tempos ainda passou ruge, todo desencontrado. Chegou a avermelhar o queixo. Pintou as sobrancelhas uma para cima outra para baixo. Parou de tingir o cabelo. Não enxergava mais os cabelos brancos. Os olhos não mais pintou, nem enxergava onde estavam.

O marido se acabando na doença ruim. Sem atendimento devido ou por caridade. Ela definhava e chorava recordando o passado, lembrando dos amigos, do catar gabirola, dos bailes nos sítios e do filho caminhoneiro, sempre longe.

Morreu de tristeza. O marido, o filho levou para outro estado. Vive ainda e fala da beleza da namorada que tinha olhos verdes e morreu de tristeza por ter ficado cega.

POEMA MÃE

Por Wanderley Francisco

A poesia
para o tempo
Para o verso
para o sempre
Só não para
a fantasia
Que o poeta
traz do ventre

Devolve-me

Por Yara Darin

Devolve-me .

o coração acorrentado de esperança.
solitário, naquela manhã de céu aberto.
onde (in) esperado desejo.
uniu-me a um emaranhado de sentimentos.
dentro da ânsia de nós dois.
ternura perseguindo nossos gestos.
Tanto querer ,sem nos tocar.

Devolve-me

o azul do infinito que vi no teu olhar.
o ar profuso ,que eu possa respirar.
um fio da sede dos teus beijos
que não provei da tua boca
ardorosa paixão, onde mora o pecado

Dia de falsas alegrias.

um delírio dos meus pensamentos arden-
tes.
esse nó na garganta, de que adianta o solu-
ço.
se a saudade é muralha intransponível
da poesia que ficou sem finalizar!

Versos ao vento

um lembrar esquecido no tempo
onde meu corpo cansado, renegado

ficou sem plano, sem rumo
e o que me move neste meu viver
é a esperança do meu ser
ao saber que todos os dias
nascem novas e ensolaradas manhãs.
que me acompanham até o anoitecer.





**Consulado- Geral do
Brasil em Genebra**

54, Rue de Lausanne

1202 - Genève, Suisse



cg.genebra@itamaraty.gov.br

**ELES NÃO VOTAM,
MAS NÓS SIM!**



**POLÍTICAS
PÚBLICAS
PARA ELES
TAMBÉM!**

MOVIMENTO DE DEFESA ANIMAL

**CONSULADO-GERAL DO BRASIL EM
ZURIQUE**

Stampfenbachstrasse 138
8006 Zürich-ZH
Fax: 044 206 90 21
www.consuladobrasil.ch

DIVULGUE
NÃO COPIE OU ALTERE
Respeite os direitos do autor



Revista Varal do Brasil

A revista Varal do Brasil é uma revista independente, realizada por Jacqueline Aisenman.

Todos os textos publicados no Varal do Brasil receberam a aprovação dos autores, aos quais agradecemos a participação.

Se você é o autor de uma das imagens que encontramos na internet sem créditos, façanos saber para que divulguemos o seu talento!



Licença Creative Commons. Distribuição eletrônica e gratuita. Os textos aqui publicados podem ser reproduzidos em quaisquer mídias, desde que seja preservado o nome de seus respectivos autores e não seja para utilização com fins lucrativos.

Os textos aqui publicados são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores.

A revista está disponível para download no site www.varaldobrasil.com

Contatos com o Varal?

varaldobrasil@gmail.com

A responsabilidade dos artigos assinados é exclusiva de seus autores e os mesmos não refletem necessariamente a opinião da revista Varal do Brasil.

Para participar da revista, envie um e-mail e enviaremos o formulário.

VARAL DO BRASIL



Voltaremos em
setembro
com a edição 37!

www.varaldobrasil.com

www.varaldobrasil.blogspot.com

varaldobrasil@gmail.com

LITERÁRIO, SEM FRESCURAS!